


A portrait of Rosa Maria Dias, a woman with dark hair, looking slightly to the right. The image is overlaid with a semi-transparent red filter. The text is centered over the portrait.

Rosa Maria Dias

NIETZSCHE
EDUCADOR

A monochromatic, teal-tinted portrait of Friedrich Nietzsche, showing his characteristic wild hair and beard. The image is the background for the entire page.

Rosa Maria Dias

NIETZSCHE
EDUCADOR

| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D541n

Dias, Rosa Maria -
Nietzsche Educador / Rosa Maria Dias. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-930-7

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99307

1. Nietzsche. 2. Educador. 3. Educação. 4. Cultura.
5. Professor. I. Dias, Rosa Maria. II. Título.

CDD 370.7

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação – Reflexões Interdisciplinares

Simone Sales – Bibliotecária – CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 a autora.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Freepik - akshaychouhanakki123, IraAN
Tipografias	Acumin, CocoGothic, Source Serif Variable
Revisão	Mirna Juliana Santos Fonseca
Autora	Rosa Maria Dias

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand

Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa de Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues

Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva

Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Cronologia 10

Introdução12

CAPÍTULO 1

Nietzsche Professor

a escolaridade de Nietzsche15

O professor Nietzsche 20

O projeto filosófico
de Nietzsche educador..... 25

Considerações extemporâneas..... 31

Ruptura com Wagner
e afastamento da universidade 35

Nietzsche:
uma lembrança querida40

CAPÍTULO 2

A incultura moderna..... 47

A individualidade para Nietzsche..... 57

Como educar a si mesmo..... 59

A descoberta de Schopenhauer 63

A imitação criadora..... 65

Os preconceitos da educação 69

O gênio.....72

Os três egoísmos.....	73
A ciência e o cientista	75
Uma nova concepção de cultura.....	78

CAPÍTULO 3

Educação e cultura	81
Tendências que minam a educação.....	82
“A língua é minha pátria”	85
Críticas aos estabelecimentos de ensino	93
A ciência e a arte	96
A filosofia	98
O filósofo e o artista reclamam seus direitos.....	104
Conclusão.....	108
Referências.....	111
Índice Remissivo.....	114

CRONOLOGIA

- 1844 15 de outubro: Friedrich Wilhelm Nietzsche nasce em Roecken, na Saxônia. Era o primeiro filho do pastor luterano Carl Ludwig Nietzsche com Franziska.
- 1845 Nascimento de sua irmã, Elizabeth.
- 1849 Morte de seu pai.
- 1850 A viúva e os filhos instalam-se em Naumburg.
- 1858 Ingressa na escola de Pforta.
- 1861 Conhece Gersdorff; compõe músicas; toma conhecimento de "Tristão e Isolda", de Wagner.
- 1864 Diploma-se em Pforta com distinção em quase todas as matérias, menos matemática. Matricula-se na Universidade de Bonn, no curso de teologia, onde permanece por dois semestres, estudando teologia e filologia.
- 1865 Abandona a teologia e transfere-se para a Universidade de Leipzig. Descobre Schopenhauer.
- 1866 Janeiro: primeira conferência sobre Teógnis na Sociedade Filológica. Conhece Erwin Rohde.
- 1867 Outubro: começa o serviço militar. É dispensado em consequência de uma queda de cavalo. Publica seu primeiro ensaio de filologia.
- 1868 Novembro: conhece Richard Wagner.
- 1869 É nomeado professor de filologia clássica na Universidade de Basileia (Suíça) e ensina grego nas classes superiores do Pädagogium. Em maio, primeira visita a Wagner e a Cosima, em Tribschen, perto de Lucerna. Conhece o historiador Jacob Burckhardt.
- 1870 Faz palestras sobre o Drama musical grego e Sócrates e a tragédia. Redige "A visão dionisiaca do mundo". Conhece o teólogo Franz Overbeck. Serve como enfermeiro voluntário na guerra franco-prussiana. Atacado de difteria, regressa à Basileia.
- 1871 Redige, em Lugano, "O nascimento da tragédia no espírito da música".
- 1872 Publica "O nascimento da tragédia". Profere cinco conferências, intituladas: "Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino".
- 1873 Redige "A filosofia na época trágica dos gregos" e "Sobre verdade e mentira no sentido extramoral". Publica sua primeira "Extemporânea: David Strauss, o devoto e o escritor".
- 1874 A segunda e a terceira extemporâneas são publicadas: "Da utilidade e desvantagem da história para a vida" e "Schopenhauer como educador".

- 1875 Escreve a quarta "Extemporânea: Richard Wagner em Bayreuth". Em novembro, conhece aquele que será seu amigo até o final de sua vida, Peter Gast.
- 1876 Assiste ao Festival de Bayreuth. Decepcionado e doente deixa Bayreuth e Wagner.
- 1878 Publica "Humano, demasiado humano" – um livro para espíritos livres.
- 1879 Demite-se da Universidade da Basileia. Começa sua vida de errante. Publica "Opiniões e sentenças variadas", primeiro complemento de "Humano, demasiado humano".
- 1880 Durante o inverno de 1879-80, publica "O andarilho e sua sombra", segundo complemento de "Humano, demasiado humano".
- 1881 Publica "Aurora". Em agosto, próximo de um rochedo, à beira do lago de Silvaplana (Engandine), tem a revelação do "Eterno retorno".
- 1882 Publica "A gaia ciência" – as quatro primeiras partes. A quinta parte aparece em 1886.
- 1883 Em janeiro, escreve a primeira parte de "Assim falou Zaratustra" – um livro para todos e para ninguém. Richard Wagner morre em Veneza, aos 69 anos. Em julho, escreve a segunda parte de "Zaratustra" e publica as duas partes.
- 1884 Redige a terceira parte de "Assim falou Zaratustra".
- 1885 Com suas pequenas economias, manda imprimir 40 exemplares da quarta parte de Zaratustra e não consegue reunir sete nomes interessados em ler o livro.
- 1886 Publica, também à próprias custas, "Para além do bem e do mal". Escreve prefácios para livros já publicados: "Humano, demasiado humano", "O nascimento da tragédia", "Aurora" e "A gaia ciência".
- 1887 Publica a "Genealogia da moral" e redige o "Nihilismo europeu".
- 1888 Escreve o "Caso Wagner", "O crepúsculo dos ídolos", "O Anticristo", "Ecce homo". Elabora "Nietzsche contra Wagner" e "Ditirambos de Dionísio".
- 1889 Crise de demência em Turim. É levado pra a Basileia e internado na clínica psiquiátrica. É transferido para Iena.
- 1890 Nietzsche deixa a clínica de Iena.
- 1897 Morte da mãe. Elizabeth leva Nietzsche para Weimar.
- 1900 Em Weimar, morre no dia 25 de agosto. Três dias depois, é sepultado em Roecken.

INTRODUÇÃO

“Um dia virá
em que só se terá
um único pensamento:
a educação.”

Nietzsche, *Fragmentos póstumos* (1875)

Nietzsche, durante toda a sua vida, preocupou-se com a educação e a cultura, mas foi em seus primeiros anos como professor no *Pädagogium* e na Universidade da Basileia que se debruçou sobre os problemas concretos do ensino secundário e superior. Com fina acuidade, observou estar diante de um sistema educacional que abandonara a formação humanista em proveito de uma formação cientificista; a consequente vulgarização do ensino tinha por objetivo formar homens tanto quanto possível úteis e rentáveis, e não personalidades harmoniosamente amadurecidas e desenvolvidas. Atento a tudo o que se relacionava à educação, Nietzsche decidiu denunciar os “métodos antinaturais da educação” e as tendências que a minavam.

Antes de abordarmos a ação de Nietzsche como educador e seu pensamento sobre a educação, fazem-se necessárias algumas observações. Por se tratar do estudo de um filósofo que une pensamento e vida, tem um modo próprio de filosofar, encontra sua alegria na busca e na transitoriedade, e, por isso, não teme ver de diferentes pontos de vista os contrastes que a vida lhe oferece – por tudo isso, e para não perder a coerência do seu pensamento – limitaremos nossa análise ao momento em que Nietzsche explica de maneira mais detalhada os problemas relacionados à educação e à cultura.

Privilegiaremos seus trabalhos compreendidos entre 1870 e 1876 para evitar o equívoco de algumas interpretações, as quais, por analisarem diversos trechos sem fazer referências às datas em que foram escritos, induzem o leitor a ver contradições onde há apenas pontos de vista diferentes de um autor cujo pensamento está sempre em constante evolução. Por vezes, citaremos trechos de *“Ecce homo”*, texto autobiográfico de 1888, no qual Nietzsche, num olhar retrospectivo, fala de aspectos de sua vida e do conjunto de sua obra; só utilizaremos, contudo, aquilo que puder servir de esclarecimento para o período escolhido. Depois de 1876, encontraremos reflexões esparsas acerca de problemas educacionais, mas não mais relacionadas às instituições de ensino.

Por entendermos que seu pensamento sobre a educação ainda se mantém vivo e por guardarmos com ele uma relação de afinidade, buscamos interpretá-lo, apropriarmo-nos dele e recortá-lo naquilo que ainda nos possa ajudar a compreender nossos problemas de ensino. Assim, convidamos o leitor a acompanhar, sem pressa, a vida de Nietzsche como professor, seu pensamento a respeito da cultura e da educação e suas críticas ao sistema educacional da época.

Destinaremos o primeiro capítulo deste estudo a apresentar aspectos da vida de Nietzsche que tenham relação com seu projeto educativo. Nos dez anos em que exerceu a profissão de professor, ele não deixou de relatar, em cartas e escritos, suas expectativas como educador, suas esperanças numa renovação cultural da Alemanha e suas decepções com o ambiente universitário de seu tempo.

No segundo capítulo, apresentaremos a concepção nietzschiana de educação e cultura e sua crítica ao sistema educacional. Educação e cultura, para Nietzsche, são inseparáveis. Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apoie. A educação recebida nas escolas alemãs parte de uma concepção historicista e dá origem a uma pseudocultura, que nada

mais é do que um simulacro de outras culturas. Cultura e educação são sinônimos de “adestramento seletivo” e “formação de si”; para a existência de uma cultura, é necessário que os indivíduos aprendam determinadas regras, adquiram hábitos e comecem a educar-se a si mesmos e contra si mesmos – ou melhor, contra a educação que lhes foi inculcada.

Dedicaremos o terceiro capítulo a expor as críticas de Nietzsche ao ensino administrado aos jovens no *Gymnasium*¹ e na universidade e suas propostas de mudança para essas etapas de formação escolar. No que diz respeito ao *Gymnasium*, toda a sua crítica está centrada no ensino da língua alemã. Os professores, em lugar de ensinar os jovens a escreverem bem, preocupam-se em analisar a língua como se esta fosse um corpo morto. Para Nietzsche, a profanação do corpo da língua e a desfiguração da língua alemã pela cultura jornalística constituem o maior dos atentados à vida e à cultura.

Em relação à universidade, Nietzsche critica principalmente o “método acromático”, considerando inaceitável que um ensino se caracterize essencialmente pela exposição oral do professor e pela participação pouco expressiva do aluno. Tampouco concorda com a maneira como são tratadas a arte e a filosofia, já que essas disciplinas não têm como fazer frente à tendência cientificista que vigora na universidade, pois se encontram dominadas pela “ciência histórica”. Para ele, nem o *Gymnasium* nem a universidade podem ser considerados instituições que promovam a cultura, porque não formam indivíduos aptos a exercer plenamente todas as potencialidades de seu espírito, nem capazes de combater a barbárie na cultura.

1 O *Gymnasium* equivale aos antigos ginásio e colegial, que atualmente, no Brasil, equivale ao segundo segmento do ensino fundamental, que abrange do 6º ao 9º ano.

1

**NIETZSCHE
PROFESSOR
A ESCOLARIDADE
DE NIETZSCHE**

Em Naumburg, na Turíngia, começa a escolaridade de Nietzsche. Depois da morte de seu pai, quando Friedrich tinha apenas cinco anos, a família sai de Roecken, na Saxônia Prussiana, e instala-se em Naumburg. Nietzsche é criado num meio exclusivamente feminino: mãe, irmã, avó paterna e duas tias. Em Naumburg, recebe o ensino elementar. Sobressai-se como uma criança de inteligência superior, apaixonada pelos livros e pela música, a qual, mais tarde, exercerá uma decisiva influência em sua vida e em seu pensamento. Em 1858, aos 14 anos, é enviado ao internato de Pforta, a fim de preparar-se para a profissão de pastor, a mesma de seu pai, Karl Ludwig.

Pforta era conhecida por seu ensino inspirado na tradição humanista e por sua disciplina austera. Ali se procurava ministrar o estudo da língua e da literatura alemãs segundo os moldes clássicos; ensinavam-se as três línguas sagradas (hebraico, grego e latim) e tinha-se a preocupação de educar os alunos na prática de uma vida religiosa.

Nos três primeiros anos, Nietzsche segue rigorosamente a disciplina do internato, considerando-a um meio para formar homens completos – tanto intelectual quanto fisicamente. Lê com a avidez de um erudito, estuda sem descanso. A sede de conhecimento não lhe dá sossego.

Aos poucos, porém, passa a refletir sobre essa sua busca ávida de conhecimento: o que havia lucrado com ela? Começa, então, a se dar conta de que todo o saber que acumulara se achava dissociado da vida. Descontente, sonha com um tipo de educação que não se afaste da vida. Admite que a árvore do conhecimento e a árvore da vida não são a mesma coisa, mas recusa a ideia de que devam estar separadas. Resolve voltar-se para si mesmo, para seus gostos particulares. Refugia-se na música, medita sobre seus poetas prediletos – Byron, Schiller, Hölderlin.

Em 1860, ainda no colégio Pforta, funda com dois amigos a Germânia – sociedade cuja proposta era discutir questões ligadas à arte, à música e à literatura e incentivar a produção de textos, poemas e composições musicais que seriam submetidos à apreciação sincera desse círculo de amigos.

Apresenta à Germânia, em 1861, seu primeiro trabalho: “Destino e história”. É possível também que a dissertação escrita por ele sobre Hölderlin², intitulada “Carta a um amigo em que lhe recomendo a leitura de meu poeta preferido”, tenha sido fruto da atmosfera dessa sociedade. Na época em que escreveu esse trabalho escolar, Nietzsche era um dos poucos alemães que haviam adivinhado a grandeza de Hölderlin. Tido hoje como um dos maiores poetas do século XIX, Hölderlin era então um desconhecido, considerado no meio acadêmico uma espécie de “bárbaro ininteligível”, uma simples curiosidade da literatura alemã. Isso fica evidente pela anotação que o professor escreve no texto de Nietzsche: “Desejaria dar ao autor o amigável conselho de se guiar por um poeta mais sadio, mais claro, mais alemão.” A apressada atitude de um professor avesso à novidade e vítima de um preconceito faz com que Nietzsche adquira muito cedo a convicção de que suas preferências não eram as mesmas de seus professores, de que era preciso preservá-las contra o espírito mesquinho de seu tempo.

2 Johann Cristian Friedrich Hölderlin (1770-1843), escritor alemão, conhecido como “Werther da Grécia”. Influenciado por Schiller, escreveu seus hinos aos ideais da humanidade: à liberdade, à harmonia, à beleza, à amizade, ao amor, à audácia, ao destino. Encontrou em Susette Gontard seu ideal feminino e por ela se apaixonou. Celebrou-a na poesia sob o nome de Diotima, como encarnação da beleza eterna. Nessa fase da criação artística de Hölderlin, sobressai-se o romance “Hyperion”. O herói do romance, Hyperion, aspira a harmonia com a natureza, compreendida como manifestação divina. Ele encontra a realização desse ideal na Grécia Antiga, descobrindo o lado dionisíaco, exaltado depois por Nietzsche. Também influenciado pelo estudo dos gregos, compôs o drama Empédocles, que permaneceu inacabado. Em 1801, apareceram os primeiros sintomas de alienação mental, e em 1806 foi internado no manicômio de Tübingen, de onde saiu pouco depois. Morreu em 1843, em estado de total alienação. A morte de Hölderlin passou quase despercebida; pouco mais de um terço de sua produção poética se encontrava publicada.

Em 1868, pouco antes de se tornar professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, Nietzsche escreve sobre o período que passara em Pforta:

Eu mesmo, em grande parte, fui encarregado de minha própria educação. Meu pai [...] morreu prematuramente: faltou-me a direção firme e refletida de uma inteligência masculina. Quando, ao sair da infância, entrei no colégio de Pforta, só conhecia um sucedâneo da educação paterna: a disciplina uniforme de uma escola bem organizada. Mas essa rigidez quase militar, que, destinada a agir sobre a massa, trata o indivíduo de maneira fria e superficial, só fazia com que eu me refugiasse em mim mesmo. Contra um regulamento cego, preservei minhas aspirações e meus gostos particulares, vivi no culto secreto de algumas artes, esforcei-me em quebrar o rigor de uma rotina inflexível, entregando-me à busca exacerbada do saber universal e de suas alegrias. Por pouco não me tornei músico. Desde a idade de nove anos, de fato, sentia pela música o mais vivo interesse, [...] tinha adquirido conhecimentos teóricos que não podiam ser considerados os de um simples diletante. Entretanto, somente perto do final de minha escolaridade em Pforta, observando-me, abandonei inteiramente a ideia de uma carreira artística: esse lugar foi logo ocupado pela filologia.

Apesar das críticas que endereça ao internato, Nietzsche reconhece que recebeu sua formação numa boa escola. Nos seis anos passados ali, adquire toda a sua formação científica e, sobretudo, sólida base de seu saber humanístico. Estuda as línguas grega, latina e hebraica e a literatura da Antiguidade; aprende a se conhecer e a saber para que serve uma boa escola.

Ao deixar Pforta, já se delineara para ele o horizonte da filologia; entretanto, sente-se incerto quanto ao seu futuro e indeciso quanto à escolha da profissão. Sem querer entregar-se exclusivamente à filologia, resolve seguir o que já lhe era familiar: a profissão de seu pai. Em 1864, matricula-se na Universidade de Bonn como

estudante de teologia. Ali, porém, permanece pouco tempo. No ano seguinte, muito a contragosto de sua mãe, abandona o curso.

Apesar de não querer afastar de si tantas coisas que contribuíam para sua formação – os inúmeros interesses que satisfaziam todos os seus gostos particulares –, e ainda com medo de tornar-se um profissional medíocre, decide-se pela filologia. A princípio, ela não lhe interessa totalmente. Nesse momento de sua vida, qualquer especialização lhe teria sido penosa. Com certeza teria fechado os livros e aberto o piano, se Ritschl, seu mestre e um filólogo competente, não tivesse percebido seu dom para a filologia. Disse ele a Nietzsche: “Se quiser ser um homem forte, torne-se mestre de um único objetivo, insista no seu trabalho.” Nietzsche ouve o conselho e submete-se à disciplina que a filologia lhe impõe.

Em 1865, Ritschl é nomeado professor em Leipzig. Nietzsche segue-o. Um acontecimento fortuito altera sua vida. Descobre o livro de Arthur Schopenhauer, “O mundo como vontade e representação”. Iluminado por Schopenhauer, dedica-se com vontade ao seu trabalho sobre Teógnis. Apresenta o texto a Ritschl, que o felicita calorosamente. Acreditara em Nietzsche, e tinha razões para isso: nunca havia lido algo semelhante escrito por um aluno.

A tarefa da filologia deixa-o entrever um novo caminho: o de educador. Em agosto de 1867, Nietzsche escreve:

Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estuda na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar nos jovens a reflexão e a capacidade crítica pessoal indispensável para que eles não percam de vista o porquê, o quê e o como de uma ciência.

Nietzsche, como educador, não tinha interesse em se tornar um vasculhador de textos antigos, fechado em seu gabinete, nem

em criar um círculo de alunos atentos, que seguissem indiferentes à vida que os rodeava. Pretendia, isso sim, incentivá-los a um olhar singular sobre determinada ciência, conduzi-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida.

É preciso agir e viver para aprender e compreender – eis o preceito segundo o qual Nietzsche pretendia educar seus alunos.

O PROFESSOR NIETZSCHE

Aos 24 anos, por recomendação de Ritschl, Nietzsche é convidado para ser professor de filologia clássica na Universidade e no *Pädagogium*³ da Basiléia, na Suíça. Para obter o diploma de fim de curso, faltava a tese de doutorado, mas os professores de Leipzig, levando em consideração seus trabalhos publicados na revista "*Rheinisches Museum*", dirigida por Ritschl, concedem-lhe o título de doutor.

Assim, o "demoníaco destino" o seduz com uma cátedra de filologia. Aceita o destino e a cátedra, mas não sem certa hesitação, como se pode depreender na carta endereçada a um amigo de colégio, Carl von Gersdorff, na noite de 11 de abril de 1869:

O último prazo expirou; chegou a última noite que passo na minha pátria. Amanhã de manhã partirei para o vasto mundo. Vou dedicar-me a uma nova e inabitual tarefa, numa pesada e abafante atmosfera de deveres e de obrigações. Mais uma vez é preciso dizer adeus. O tempo dourado em que a atividade é livre, ilimitada, em que cada minuto é soberano, em que a arte e o universo se oferecem aos nossos olhos como um mero espetáculo de

3

"*Pädagogium* era como se denominava a escola secundária humanista, o liceu clássico. Na Universidade de Basiléia, os docentes da Faculdade de Filosofia tinham de lecionar também às classes superiores do *Pädagogium*." Nota de Paulo César Souza, tradutor para o português de "*Ecce homo*", p. 167.

que mal participamos, esse tempo passou irrevogavelmente. Reina agora a dura deusa, a obrigação cotidiana. "*Bemooster Burche zieh'ich aus...*" Conhece essa emocionante canção de estudante? Sim, sim, chegou a minha vez de ser um filisteu. Um dia ou outro, aqui ou além, o ditado realiza-se sempre. As funções e as dignidades são coisas que nunca se aceitam impunemente. Todo o problema reside em saber se as cadeias são de ferro ou de linha. Tenho ainda suficiente coragem para romper, se necessário, qualquer elo e recomeçar, de uma outra maneira ou em outro lugar, uma nova vida. Não adquiri ainda a postura curvada tão característica do professor. Zeus e todas as musas me preservem de ser filisteu, *homem abandonado pelas musas*, homem de rebanho! Não vejo como me poderei tornar no que não sou. É certo que a partir de agora faço parte do gênero dos filisteístas, do "homem especializado", e é natural que uma ocupação diária, uma concentração incessante do pensamento em certos conhecimentos e certos problemas entorpeçam um pouco a livre sensibilidade do espírito e ataquem, em suas raízes, o senso filosófico. Mas imagino que posso aceitar o perigo mais tranquilamente do que a maior parte dos filólogos: a seriedade filosófica está em mim enraizada muito profundamente. Os verdadeiros e essenciais problemas foram-me sempre mostrados pelo grande mistagogo Schopenhauer, de modo que não corro o risco de desviar-me de forma desonrosa da "Ideia". Injetar esse novo sangue à minha ciência, comunicar aos meus ouvintes essa seriedade schopenhauriana, que brilha na fronte do homem sublime, esse é o meu voto, a minha esperança audaciosa. Quero ser mais que um instrutor de bons filólogos. Penso nos deveres dos mestres de hoje: preocupo-me com a geração que vem depois de nós. Tudo isso me ocupa o espírito. Uma vez que temos de suportar a nossa vida, que ela seja estimada pelos outros, quando tivermos a felicidade de escapar dela.⁴

4

Numa carta dirigida ao amigo Paul Deussen (20 de outubro de 1868), Nietzsche diz que a filologia era para ele uma ocupação secundária, que estava a serviço de sua vocação filosófica: "Falando mitologicamente, vejo a filologia como um aborto da deusa Filosofia."

Com esses objetivos, chega à Basileia em 19 de abril de 1869. No começo de maio, já está em plena atividade. Todos os dias da semana, a partir das sete horas da manhã, dá cursos na universidade sobre a história da lírica grega e sobre as "Coéforas", de Ésquilo, para um grupo de sete alunos. No *Pädagogium*, ministra dois cursos às terças e sextas e outro às quartas e quintas. Lê com os alunos o "Fédon", de Platão.

A 28 de maio, pronuncia no anfiteatro da universidade sua aula inaugural: "Sobre a personalidade de Homero". Muito aplaudido pelo numeroso público presente, regozija-se com o sucesso e consolida sua posição na universidade.

Mas não é só o trabalho que o absorve: dedica a Wagner suas horas livres. Conheceu-o em 1868 e admirava tudo o que ele compusera. E Wagner era profundo conhecedor de Schopenhauer, o que o tornava ainda mais querido aos seus olhos. Passa a frequentar a casa do músico e torna-se seu amigo íntimo. Nietzsche testemunha todos os seus projetos; Wagner transforma-se em depositário de todas as suas esperanças de renovação cultural da Alemanha. Tudo isso faz Nietzsche acreditar que encontrara um verdadeiro mestre, alguém capaz de guiá-lo.

Tomado de entusiasmo pelo ambiente artístico que respira na casa da família de Wagner, Nietzsche escreve para Erwin Rohde (3 de setembro de 1869):

Tenho também como você a minha Itália, com a diferença de que só posso reservar para ela os sábados e os domingos. Ela se chama Tribschen e sinto-me já, ali, como em minha casa. Nestes últimos tempos estive lá quatro vezes seguidas em um pequeno espaço de tempo e, além disso, uma carta faz o mesmo caminho quase que semanalmente. Caro amigo, o que ali aprendo e vejo, o que ouço, é impossível ser descrito. Schopenhauer e Goethe, Píndaro e Ésquilo não morreram.

Em Tribtschen, às margens do lago dos Quatro Cantões, numa encantadora solidão rodeada de montanhas, tinha Nietzsche a sua Itália, o seu refúgio de artista. Na Basiléia, a poucos quilômetros da vila de Wagner, exercia sua cansativa profissão.

Desde os primeiros anos de sua atividade como professor, sabe que não poderá suportar por muito tempo o mundo acadêmico, o enclausuramento em uma disciplina. Sua instintiva aversão pela especialização, pela cultura enciclopédica e livresca com que os professores pretendiam educar seus alunos, e sua ambição em ser mais do que um simples professor cresce a cada dia. A carta que escreve a Rohde, em 15 de dezembro de 1870, é um prenúncio de seu afastamento da universidade, que se dará em 1879:

Preste atenção às ideias que rumino. Permanecemos por mais alguns anos nesta vida universitária, consideremo-la um sofrimento rico em ensinamentos, que é preciso suportar com seriedade e com certa expectativa. Que seja particularmente uma aprendizagem da profissão de educador, tarefa na qual estou empenhado. Mas meu objetivo, eu o coloquei um pouco mais alto. Com o passar do tempo vejo por mim mesmo o que significa a teoria schopenhaueriana sobre a sabedoria universitária. Não há na universidade lugar para um indivíduo radicalmente autêntico e nada de verdadeiramente revolucionário poderá ter aí seu ponto de partida. Portanto, só seremos verdadeiros *mestres* se usarmos de todas as alavancas possíveis para nos arrancar desta atmosfera e se formos realmente homens e não apenas intelectuais, mas sobretudo homens superiores. Com respeito a isso, também sinto necessidade de ser absolutamente *verdadeiro*. E é que não suportarei por muito tempo o ambiente das universidades.

Nietzsche despreza o sistema educacional que tem sob seus olhos. Esse sistema visa a promover o “homem teórico”, que domina a vida pelo intelecto, separa vida e pensamento, corpo e inteligência. Em lugar de procurar colocar o conhecimento a serviço de uma

melhor forma de vida, coloca-o em função de si próprio, de criar mais saber, independentemente do que isso possa significar para a vida.

Assim, avesso à erudição acadêmica, o jovem professor Nietzsche sonha com um ideal de educação que o estudo dos gregos pré-platônicos lhe revelara, uma educação ancorada nas experiências da vida de cada indivíduo, em que “os modos de vida inspiram maneiras de pensar e os modos de pensar criam maneiras de viver”⁵. Em abril de 1879, escreve a Rodhe: “Ciência, arte, filosofia crescem tão juntas em mim, que um dia parirei centauros.”

A 19 de julho, explode a guerra entre a França e a Alemanha. Contaminado pelo entusiasmo bélico, Nietzsche sente vontade de se alistar. Acredita que Otto von Bismarck, o primeiro-ministro prussiano, com seu projeto de unificar os 39 estados alemães num império, tinha condições de promover uma renovação cultural do país. Por ter renunciado à nacionalidade prussiana e adquirido a cidadania suíça, ao assumir o posto de professor na Basileia, não pôde se incorporar ao Exército alemão. Em agosto, recebe das autoridades suíças permissão para participar da guerra como enfermeiro. Sua passagem pelo conflito é rápida: logo contrai difteria e disenteria, o que o obriga a deixar o campo de batalha para tratar-se na Alemanha. Uma vez restabelecido, retoma seu posto de professor na Suíça.

Embora seu entusiasmo tenha sido passageiro, sua decepção, no entanto, foi profunda. Pouco antes do término da guerra, já havia perdido toda a simpatia por Bismarck. Já não podia suportar o fato de o Estado arvorar-se como o mentor da cultura, quando, na verdade, visava apenas a seu interesse; já não acreditava em nacionalismos. O que importava era preservar a cultura alemã, ameaçada pela guerra de conquista. Nietzsche lembra-se, então, da Germânia, a sociedade literária que criara com Carlo von Gersdorff

5 É deste modo que Gilles Deleuze, no seu livro Nietzsche, refere-se ao ideal de educação de Nietzsche.

e Paul Deussen, nos tempos de ginásio, e pensa em organizar, nesses mesmos moldes, uma espécie de “convento laico”, uma “escola para educadores”, onde os amigos serviriam de professores uns aos outros, discutiriam e trabalhariam juntos pela cultura alemã. A confraria de amigos não chegou a se realizar, pelos motivos mais diversos e certamente mais corriqueiros, mas Nietzsche não desiste de seus projetos de renovação cultural⁶.

O PROJETO FILOSÓFICO DE NIETZSCHE EDUCADOR

Durante o inverno de 1870-71 Nietzsche adoece. Sofre de tal modo que tem de pedir licença de suas obrigações, retirando-se para Lugano⁷, de onde escreve para Rohde:

É certo que Vischer me escreveu para aqui uma vez, mas sua carta não continha uma só palavra referente a nossa solicitação. Em contrapartida, soube por alto, em Basileia⁸, depois de ter-te escrito e antes da minha partida, que o “filósofo” Steffensen vê o projeto com má vontade. Imagina como fiquei vulnerável a partir do momento em que ficou claro o meu schopenhauerismo, o que, aliás, nunca escondi. Tenho, além disso, e antes de mais nada,

6 A posição de Nietzsche diante da guerra sofre uma mudança bem rápida, como se pode observar nessas duas cartas endereçadas a sua mãe, datadas com apenas cinco meses de diferença. Na primeira, de 16 de julho de 1879, mostra-se entusiasmado: “Temos vivido muito alegres no crepúsculo da paz. E agora estala esta tempestade, a mais horrível de todas. Como estou triste de ser suíço. Trata-se de nossa cultura! E para isso não há sacrifício que seja suficiente! Ah! Esse maldito tigre francês!” Na segunda, de 12 de dezembro de 1870, escreve: “Cada vez são menores minhas simpatias pela atual guerra de conquista empreendida pela Alemanha. Cada vez me parece mais ameaçado o futuro de nossa cultura alemã.”

7 Carta para Erwin Rohde, 29 de março de 1871.

8 Nietzsche refere-se ao projeto de ceder a Rodhe sua cátedra de filologia, encarregando-se ele da de filosofia, na mesma Universidade da Basileia.

que me dar a conhecer e legitimar-me como filósofo. Com esta intenção, terminei um pequeno escrito, intitulado "Origem e fim da tragédia", a que só faltam alguns retoques. Acredito que teremos que esperar ainda um pouco, pelo menos até a festa de S. Miguel, época em que, se tudo correr bem, se resolverá nosso assunto. A verdade é que, assim, se prolongará ainda mais o triste estado de excitação e de insatisfação – nosso *perpetuum mobile* –, e teremos ainda muito tempo, nesta expectativa tão pobre de esperanças, para pôr à prova nosso sangue-frio de filósofos! [...] Entre muitos momentos de desencorajamento e de depressão, tenho gozado alguns de grande elevação, cujo eco pode ser encontrado no pequeno ensaio de que te falei. Em relação à Filologia, sinto-me cada vez mais distante, tendo por ela o maior desprezo que se possa imaginar. Tudo o que pudesse alcançar por esse lado – elogios, censuras, e até as mais altas glórias – me faz tremer de horror. Habituo-me progressivamente a viver como filósofo e já creio em mim! Estou preparado para tudo. E não me causaria a mínima surpresa se viesse a me tornar poeta. Não disponho de uma bússola capaz de me indicar a que estou destinado e, no entanto, no fim das contas, tudo me parece ter sido guiado por um gênio bom. Nunca imaginei que, não tendo uma clara visão dos meus fins, nem ambicionando nenhum cargo público, alguém pudesse sentir-se tão sereno e lúcido como me encontro. [...] Ora é um trecho de uma metafísica, ora de uma nova estética que vejo delinear-se; após o que me dedico ainda a um novo princípio de educação, que implica a total negação de nossos *Gymnasium* e universidades. [...] Orgulho e extravagância são palavras que mal exprimem meu "estado de vigília" espiritual. Este estado permite-me considerar minha posição universitária como coisa secundária e mesmo penosa, e até a cátedra de Filosofia só me preocupa por tua casa, pois a considero também como coisa provisória.

Por essa carta, dirigida ao filólogo e amigo Rohde, Nietzsche deixa claro que, de fato, é impossível continuar como professor de filologia, já que dela se sente cada vez mais afastado. Ainda quando

estudante em Leipzig, Nietzsche não tinha mais dúvidas quanto a sua vocação de filósofo. Quis doutorar-se em filosofia, chegando mesmo a redigir, com esse objetivo, um texto intitulado “Esquemas fundamentais da representação”. Mas, por estar inscrito na universidade como filólogo, não lhe foi concedida permissão para elaborar sua tese em filosofia. Desde essa época, vive um conflito incessante entre sua profissão de filólogo e seu instinto filosófico. Assim, na Basileia, com a possibilidade de deixar a cátedra de filologia para Rohde e assumir a de filosofia, a qual se encontrava vaga com a saída de Teichmüller, entrevê a oportunidade de trabalhar mais próximo de seus interesses pessoais, mesmo sem grandes esperanças e com a firme convicção de que também essa cátedra seria coisa provisória. Nietzsche redige um pequeno texto, “Origem e fim da tragédia”, gênese de *O nascimento da tragédia*, para “legitimar-se como filósofo”. Mas algo de que já suspeitava se concretizou: Vischer, o diretor administrativo da universidade, ao saber que o nome de Nietzsche não receberia a aprovação do professor oficial de filosofia da Basileia, Karl Steffensen, deixou de colocá-lo entre os concorrentes à cátedra, temendo que, com a recusa oficial de seu nome, Nietzsche renunciasse a seu posto de professor na universidade e no *Pädagogium*.

Sem resposta para seu projeto, Nietzsche, antes de retomar suas atividades profissionais, detém-se em Tribtschen, na volta de Lugano para a Basileia, a fim de discutir com Wagner a estrutura de seu livro. Essa visita deixa marcas profundas em “O nascimento da tragédia”. Seduzido pelas ideias de Wagner, reelabora seu projeto sobre os gregos e enfoca-os segundo a perspectiva da obra wagneriana. Acredita que o drama musical wagneriano poderia levar a uma renovação cultural da Alemanha.

No final de 1871, aparece nas livrarias seu primeiro “centauro” – “O nascimento da tragédia no espírito da música”, dedicado a Wagner: “ afirmo que considero a arte como a tarefa suprema e a atividade propriamente metafísica desta vida, no sentido em que

entende o homem a quem eu quis dedicar este livro, como um lutador sublime que me precedeu neste caminho.”

O primeiro exemplar é para Wagner, que imediatamente responde: “Nunca li nada de tão belo quanto o seu livro! Aí tudo é magnífico! Escrevo-lhe de forma impetuosa, porque a leitura me transporta para além de toda medida e preciso primeiro recobrar os sentidos para ler seu livro como se deve.”

No meio acadêmico, contudo, a acolhida é gelada. Salvo alguns amigos, ninguém lê o livro, ninguém compra. Nietzsche envia um exemplar a Ritschl, que se recusa a responder. Os outros mestres de filologia reagem com hostilidade e silêncio e acusam-no de utilizar seu saber filológico como instrumento de propaganda wagneriana. Nietzsche é declarado “cientificamente morto”. O *“Literarische Zentralblatt”*, revista de Leipzig na qual colaborara quando estudante, nega-se a publicar um pequeno texto de Rohde a favor do livro. Nietzsche lamenta o fato e escreve a Carl von Gersdorff:

Meu livro terá bastante dificuldade para se fazer conhecer; um excelente artigo escrito por Rohde para a *“Literarische Zentralblatt”* foi recusado pela redação. Era a última possibilidade de que uma voz séria se pronunciasse a favor de meu livro numa publicação científica; agora, não espero mais nada – senão maldades e tolices... Mas confio, e digo-te com a maior convicção, que a minha obra abrirá caminho, pausada e silenciosamente, através dos séculos. Exprimem-se nela, pela primeira vez, algumas verdades eternas; é impossível que elas não tenham ressonância. Nada quero para mim, e muito menos o que se chama fazer carreira. No momento, trabalho com serenidade nos meus problemas pedagógicos.

No início de 1872, Nietzsche pronuncia, na Sociedade Acadêmica da Basiléia, cinco conferências “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”. É ouvido por um público atento e numeroso. Entre os presentes encontra-se Jacob Burckhardt, o grande professor de História da Arte na Universidade da Basiléia, a

quem Nietzsche admira. Verdades irrefutáveis, críticas veementes ao sistema educacional alemão estavam sendo ditas. Depois das conferências, Burckhardt comenta com um amigo:

O senhor deveria tê-lo ouvido! Em alguns momentos, deixava-se tomar pelo entusiasmo; depois, ressurgia numa profunda aflição; e, a bem da verdade, não vejo ainda como os humaníssimos ouvintes devem ter tomado partido na questão. De um fato, pelo menos estávamos certos: tratava-se de um homem altamente dotado, que possui tudo de primeira mão e tudo distribui da mesma maneira.⁹

Um problema de garganta, porém, fez com que ele interrompesse a série de conferências. Esse contratempo durou pouco, mas as outras duas conferências anunciadas não foram retomadas. Wagner insistiu para que ele as publicasse. O apelo foi inútil: Nietzsche não se deixou convencer.

No final de maio, aparece a primeira crítica à obra “O nascimento da tragédia”. O helenista Wilamowitz-Möllendorf publica um panfleto intitulado “A filologia do futuro, réplica a Friedrich Nietzsche”, no qual condena a obra de Nietzsche por considerá-la demasiado literária, demasiado imaginativa, não científica e, sobretudo, não filológica. Nietzsche atacara os universitários; e Wilamowitz falava em nome deles.

Com a publicação de “O nascimento da tragédia”, Nietzsche comprometera-se verdadeiramente. Essa obra lhe custou a perda da estima do mundo erudito e de sua reputação de sábio, a tal ponto de, no inverno de 1872-73, dar sua aula diante de uma sala quase vazia. Ele, que havia sido recebido com entusiasmo pelos estudantes, via-os agora recusando seus cursos.

Os estudantes alemães tinham o hábito de ir de lugar em lugar à procura de bons professores. De 1869 a 1872, a fama de

Nietzsche havia atraído curiosos. Mas a rejeição de filólogos a sua obra repercutiu muito mal no mundo acadêmico alemão. Se durante três anos fora um mestre que merecia ser conhecido, agora se tornava um dos que convinha esquecer.

Nietzsche lamenta o ocorrido, não por sua carreira, mas por ter causado à pequena Universidade da Basileia a perda de alguns alunos. Numa carta a Erwin Rohde, de novembro de 1872, comenta esse fato, por ele não esperado:

Meu querido amigo, vamos resistir. Aqui o fato mais recente, e que me afeta um pouco, é a *ausência de filólogos*, na nossa universidade, para o semestre de inverno, fenômeno bem singular que você interpretará sem dúvida como eu o interpreto. Soube também do caso de um estudante que queria seguir aqui os cursos de filologia e que foi retido em Bonn. Contente, ele escreveu a seus parentes que graças a Deus escapara de uma universidade onde *eu* ensinava. A Santa Vehme¹⁰ fez bem o seu dever. Façamos de conta que não é nada. Mas que minha pequena universidade tenha prejuízos por minha causa é duro de suportar. Temos 20 estudantes a menos que o semestre passado. Mal posso dar um único curso sobre a retórica dos gregos e dos romanos. Tenho dois alunos: um deles é germanista, o outro, jurista.

Mesmo com poucos alunos, mesmo desgostoso com os deploráveis métodos pedagógicos de sua época, Nietzsche permanece fiel a eu posto e ensina com dedicação aos alunos que lhe são confiados. Excelente professor, sabe que no fundo pode exercer uma influência considerável sobre a jovem geração.

10

A Santa Vehme era um tribunal secreto estabelecido na Alemanha para atingir aqueles que escavavam da justiça comum. Os condenados eram enforcados ou apunhalados pelos iniciados, que eram muito numerosos.

CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS

Durante os últimos meses de 1872, Nietzsche prepara cursos para a universidade e redige “A filosofia na época trágica dos gregos”, um estudo sobre os filósofos pré-platônicos: Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides e Anaxágoras. Investiga-os não com o olhar do filólogo que se debruça sobre os textos para vasculhá-los em suas minúcias, mas com a visão do “filósofo médico”, que se preocupa com a cultura. O estudo dos pré-platônicos levou-o a perceber o quanto era inútil à vida a “compulsão do saber a qualquer preço”, tão frequente nos meios universitários. Ensinou-lhe também que o saber deveria servir a uma melhor forma de vida, como o era entre os gregos. Por isso, sente que lhes deve um tributo: mostrar ao povo alemão a verdadeira cultura. Pensa, a princípio, em publicar alguns capítulos de seu livro, mas desiste. Tornara-se demasiado severo consigo mesmo, e não achava que seu manuscrito já pudesse ser publicado como livro. Leva-o para Bayreuth, para lê-lo com amigos, entre eles Wagner, que ali se instalara para acompanhar de perto a construção do “*Festspielhaus*” (casa de espetáculos)¹¹.

Todavia, o projeto de Wagner de criar um teatro em Bayreuth corria mal: faltava-lhe dinheiro. O tempo da nova cultura estava prestes a não ser edificado. Era preciso agir. Nietzsche pega novamente da pena, mas dessa vez para exercitar-se na perigosa arte da polêmica. Decide pôr em prática uma máxima de Stendhal, que “aconselha a fazer a entrada na sociedade com um duelo”. Escreve de 1873 a 1875 quatro textos polêmicos, denominados “Considerações extemporâneas”.

11 Em suas anotações de 1874, Nietzsche define o filósofo como “o médico da civilização”. Nesse sentido, filosofar significa interpretar e diagnosticar os “males da civilização”, encontrar remédios para curá-la ou então envenenar aquilo que a destrói.

O primeiro adversário é o teólogo David Strauss, que dá o nome a sua primeira “Extemporânea: David Strauss, o devoto e o escritor” (1873). A burguesia alemã considerava Strauss o seu pensador por excelência. Nietzsche ataca as ideias e a forma de sua obra “A antiga e a nova fé”. Ao criticá-lo, é à cultura alemã que Nietzsche visa; cultura que, a seus olhos, nada tem de próprio, sendo “desprovida de sentido: sem substância, sem meta, uma mera opinião pública”.

Ainda nessa sua primeira “Extemporânea”, Nietzsche assinala que Bismarck confinara o espírito alemão no nacionalismo, confundira a cultura com glórias militares e políticas, extirpara o “autêntico espírito alemão em proveito do Império Alemão”. E isso tanto era verdade que nem mesmo o sucesso das forças alemãs, em 1870, provara a superioridade da cultura alemã sobre a francesa. Pelo contrário: a França não perdera nada do seu prestígio, e os alemães continuavam dela dependendo, imitando-a sem nenhum talento na maneira de se comportar em sociedade, arrumar suas casas, conceber suas peças teatrais e seus concertos e escrever seus livros. Isso explicava o abandono a que os “filisteus da cultura” haviam relegado seus artistas e gênios: Goethe, Schiller, Lessing, Kleist, Hölderlin, Schopenhauer e Wagner. Não percebiam que, enquanto a Alemanha não reconhecesse seus artistas, não existiria um povo alemão capaz de erigir a cultura como uma obra de arte viva.

A primeira “Extemporânea” foi bem recebida. Teve leitores atentos: o orientalista Ewald, de Göttingen; o velho hegeliano Bruno Bauer; e o historiador Karl Hillebrand, que definiu o livro de Nietzsche como o melhor texto polêmico em língua alemã. Overbeck e Romundt, amigos de Nietzsche, também aprovaram sua ousadia.

Em 1874, Nietzsche publica a segunda “Extemporânea: Da utilidade e desvantagem da história para a vida”. Nesse ensaio, denuncia o enfraquecimento da cultura causado pela expansão sem limites da “ciência histórica”, que estaria esterilizando a vida. Critica também os historiadores universitários, vendo neles seres empanturrados de

saber, meros expectadores do passado, e não criadores da vida e cultura. Protesta contra a educação histórica com que os professores pretendiam instruir seus alunos, tornando-os, pelo acúmulo de saber, incapazes de recriar a vida a partir de suas experiências. Convida os jovens a se educarem a si mesmos, de tal modo que pudessem se desfazer de seus hábitos e da educação que lhes fora inculcada.

Esse livro não recebeu nenhum comentário na imprensa. Os wagnerianos se calaram – afinal, a obra não falava de Wagner. Os professores universitários guardaram-se em silêncio – tinham boa memória, continuavam a reconhecer no professor Nietzsche um adversário. Os amigos de Nietzsche assistiram desolados ao insucesso da obra, que tanto lhes agradara. Erwin Rohde observou: “É um trovão, e não fará mais efeito do que um fogo de artifício numa caverna. Mas um dia será reconhecido, será admirada a sua coragem e essa precisão com que Nietzsche coloca o dedo na nossa pior ferida.”

Ainda em 1874, Nietzsche publica a terceira “Extemporânea: Schopenhauer como educador”. Para escrever esse ensaio, recorre às anotações que fizera para a sexta e a sétima conferências, não proferidas, “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”. Nessa “Extemporânea”, homenageia Schopenhauer, não em seu sistema de pensamento, mas na sua existência enquanto filósofo, capaz de fornecer um exemplo e servir como modelo para os que pretendem educar-se. Critica os filósofos universitários e sua mania de erudição. Insiste no papel crítico da filosofia e no seu poder de transformação da ordem estabelecida.

Em julho de 1876, aparece nas livrarias a quarta “Extemporânea: Richard Wagner em Bayreuth”, que deveria constituir-se numa homenagem a Wagner pelo Primeiro Festival de Bayreuth. Nesse ensaio, Nietzsche critica os mercenários da arte: os empresários gananciosos, o público ávido de prazer e de diversão, a mediocridade e a presunção dos artistas que transformavam a arte em mercadoria de luxo. A esses, ele contrapõe a criança de Bayreuth, que dava dignidade à arte e à vida.

Nietzsche tinha a intenção de escrever ainda nove “Extemporâneas”, mas decide interromper esse trabalho. Inspiradas em um projeto nitidamente educativo, as quatro “Extemporâneas” lhe pareciam suficientes como “grito de alerta e de advertência à juventude”.

Agora, o trabalho com as aulas lhe ocupava muito tempo. Os constantes ataques dos filósofos universitários já não repercutiam tanto, e, assim, apareciam mais alunos. Os estudantes Heinrich Köselitz – a quem Nietzsche rebatizou Peter Gast (Pedro, o hóspede), e que se tornaria seu dedicado amigo e secretário – e Heinrich Wideman saíram de Leipzig para frequentar suas aulas. Durante o inverno de 1874-75, conseguiu reunir alunos para três cursos diferentes: história da literatura grega, “A retórica”, de Aristóteles e “Édipo rei”, de Sófocles.

Ainda assim, parece-lhe difícil conciliar sua atividade profissional e sua vocação pessoal. Revolta-se contra as servidões numerosas que tem de suportar para continuar na atividade acadêmica. Sente-se, por vezes, muito vulnerável, como admite na carta a Gersdorff, de 13 de dezembro de 1875:

Exercito-me em despojar-me da ânsia que os faz perder o sossegado e magnífico domínio do conhecimento conquistado. Tenho resistido, mas por estar muito preso aos deveres de meu cargo, bem contra meu desejo e com muita frequência, ainda surpreendo em mim mesmo essa ânsia de conhecer. Mas, pouco a pouco, entrarei no meu caminho. Um modesto lar, uma vida absolutamente ordenada, com um plano para cada dia; nenhum desejo de honras, nem de vida em sociedade, a companhia de minha irmã, cuja presença torna tão pacífico e nietzschiano tudo o que me rodeia, a consciência de ter excelentes e carinhosos amigos, a posse de 40 bons livros (e outros tantos não absolutamente maus), a felicidade de ter encontrado educadores em Schopenhauer e Wagner e nos gregos – objeto de meu trabalho cotidiano –, a confiança em que não me hão de faltar de agora em diante bons alunos – tudo isso preenche a minha vida.

RUPTURA COM WAGNER E AFASTAMENTO DA UNIVERSIDADE

Outro problema de saúde, no início de 1876, afasta Nietzsche por três meses de suas atividades acadêmicas. Sua saúde piora muito e ele tem certeza de que sofre de uma doença cerebral, a mesma que matara seu pai aos 36 anos. O médico proíbe as leituras e prescreve repouso e um único alimento: leite. Não se deixa abater; sobretudo, não se desespera. Tem uma filosofia para a doença; já sabe como transfigurá-la: “Ela traz esperanças, e não é uma obra de arte”, diz ele, “ainda ter esperanças?”¹² Sabe também que os sofrimentos corporais vêm sempre misturados a crises espirituais e, por isso, não pode conceber que se possa recuperar a saúde só com remédios e regimes. É preciso mais, é preciso uma atitude diante da doença: “Para nós”, escreve a Malwida von Meysenburg:

[...] o segredo de toda possível cura consiste em adquirir uma determinada dureza de epiderme que diminua nossa grande vulnerabilidade e nos permita suportar melhor os sofrimentos íntimos. Não nos deve contrariar, nem nos abater tão facilmente, o que nos venha do exterior. Pelo menos, a mim já não me atormenta, assim como não sofre com fogo aquele que arde exterior e interiormente. O meu lar, preparado pela minha irmã, e no qual entrarei dentro de alguns dias, terá de ser para mim como uma nova pele forte e dura. Faz-me feliz o “ver-me” já na minha

12

Em “*Ecce homo*”, num olhar retrospectivo sobre a sua doença, nos anos que passou na Basileia, afirma que considerava sua enfermidade um dom benéfico, pois por meio dela pôde escapar aos obstáculos que entravavam seu próprio destino. “Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo; a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá – é ser no fundo sadio. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar-se a si mesmo; para alguém tipicamente são, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um enérgico estimulante ao viver. De fato, assim me aparece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo, saboreei todas as boas e pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear – fiz da minha vontade de saúde, de vida, a minha filosofia... Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me a uma filosofia da pobreza e do desânimo...” (Por que sou tão sábio, 2).

casinha de caracol, da qual estenderei com carinho meus tentáculos para você e para poucos mais. Perdoe-me a animalidade da expressão.

Embora não se refira ao motivo de seu sofrimento, pode-se ter certeza de que se prepara para o rompimento, nos meses subsequentes, com Wagner, o qual, aos seus olhos, mostrava-se cada vez mais tirânico e sem forças para tornar os homens grandes e livres a seu redor. Em julho de 1876, ao receber seu exemplar de "Richard Wagner em Bayreuth", o compositor escreve a Nietzsche: "Amigo! O seu livro é prodigioso! Onde aprendeu a conhecer-me assim? Venha depressa e fique aqui desde os ensaios até as apresentações."

Nietzsche aceita o convite. Sem estar totalmente restabelecido, sem esperar o final do semestre de suas atividades na universidade, fixado em 28 de julho, viaja para estar presente à abertura oficial do Primeiro Festival de Bayreuth. Assiste à apresentação da "Tetralogia"¹³. Aquilo de que desconfiava, no entanto, se confirma: Wagner era apenas um homem de teatro. Sua música servia de narcótico à alta burguesia; sua arte tornou-se uma mercadoria de luxo; seu público, composto por políticos e gente da sociedade, era medíocre, ávido de prazer e de divertimento. Como pudera acreditar que o drama musical wagneriano seria capaz de converter a arte em potência educadora da nação? Tudo se passava como se estivesse sonhando. Não reconhecia nada, nem mesmo Wagner. Em vão folheava suas recordações. Nem uma sombra de semelhança com Tribtschen, "Ilha dos bem-aventurados"; nem sombra de semelhança com os dias ansiosos e esperançosos em que fora colocada a primeira pedra do teatro, festejada por um grupo de amigos. "Que havida acontecido? – Haviam traduzido Wagner para alemão! O wagneriano havia se assenhoreado de Wagner!" Assim, Bayreuth

13

A Tetralogia é composta das seguintes peças: "Ouro do Reno", "Tristão e Isolda", "Os mestres cantores de Nuremberg" e "Crepúsculo dos deuses".

não era a cada da cultura, e o drama musical wagneriano não tinha condições de promover o renascimento da arte alemã.

Desiludido, doente, atarefado com a preparação de seus próximos cursos, Nietzsche deixa Bayreuth. Jamais esquecerá Wagner e os momentos sublimes que passara em Tribschen, mas nunca o perdoará por haver condescendido aos alemães, pois “onde reina, a Alemanha *corrompe* a cultura”.

Mais uma vez, a saúde o impede de retornar suas atividades profissionais. Por isso, a Universidade da Basiléia concede-lhe uma licença prolongada. A dolorosa doença deu-lhe esse presente, e Nietzsche fica-lhe grato. Deixa a Basiléia ao final de outubro e parte para a Itália, na companhia de Paul Rée¹⁴ e Alfred Brenner, um de seus alunos. Os três haviam aceitado o convite de Malwida¹⁵ para passarem alguns dias em uma vila que ela alugara em Sorrento.

Em Sorrento, Nietzsche vê pela última vez Wagner, que também estava ali para repousar, depois do sucesso de suas apresentações em Bayreuth. A presença de Wagner no círculo de amigos incomoda Nietzsche, que se mostra frio e distante. Não mais se deixa seduzir, nem se permite contaminar pelo entusiasmo com que Wagner falava da composição que preparava, “Parsifal”.

No final de novembro, depois da partida de Wagner, os quatro amigos passam seus dias conversando e lendo juntos. Estudam o curso (àquela época, ainda não publicado) de Jacob Burckhardt sobre a cultura grega. Leem Heródoto, Tucídides, Platão e, entre os autores modernos, Michelet, Voltaire, Diderot e Stendhal. Leem

14 Paul Rée é autor de “Observações psicológicas” (1875) e “Origens dos sentimentos morais”. Foi, durante alguns anos, amigo e companheiro de leitura de Nietzsche, mas a paixão dos dois amigos por Lou Salomé fez com que se desentendessem no final de 1882.

15 Malwida von Meysenburg era admiradora de Wagner e de Schopenhauer. Conheceu Nietzsche em 1872, na festa de lançamento da pedra fundamental do Festspielhaus em Bayreuth. Fundou o primeiro jardim de infância em Hamburgo. Escreveu uma autobiografia, intitulada Memórias de uma idealista (1876), que muito impressionou Nietzsche.

também o “Novo Testamento”. Nietzsche concluiu sempre o debate, não deixando de fazer comentários como filósofo e como filólogo¹⁶.

Nessa pequena comunidade de amigos, Nietzsche retoma seu velho sonho da criação de uma academia ao estilo grego, onde, num ambiente de emulação, seria praticada uma educação mútua e se usariam os livros escritos pelos membros a comunidade como anzóis, a fim de atrair novos adeptos para a confraria de amigos. Edificariam a “escola de educadores”, a “universidade livre”, na qual cada um poderia educar-se a si mesmo.

No verão, deixa Sorrento rumo às estações termais da Suíça. Leva consigo um desejo: renunciar a seus encargos na universidade. Um ano de recolhimento espiritual, de convívio como os amigos, o faz ver nitidamente que a causa principal da sua enfermidade é a enorme violência que, na Basiléia, tem de exercer sobre si próprio. Que adoce por estar constantemente em desacordo consigo mesmo, por ter a sensação de uma existência perdida, de uma tarefa não preenchida, de um ideal não realizado. Mais uma vez, chega à conclusão de que se utiliza da filologia para fins mais elevados, e que é mais do que um filólogo. De que suas atribuições na universidade e no *Pädagogium* não lhe deixam muito tempo para o essencial, ou seja, para escrever seus livros, com as horas roubadas de sua profissão ou conquistadas pela sua doença, do que com seu trabalho universitário.

Mas não é ainda nesse ano que deixa seu posto de professor. Em setembro, antes de retomar suas aulas, Nietzsche dita e seleciona

16 Quando recebe de Wagner o libreto de “Parsifal”, Nietzsche comenta-o com Seydlitz, em uma carta de 4 de janeiro de 1878: “Ontem recebi o ‘Parsifal’, que me foi enviado por Wagner. As minhas primeiras impressões, à primeira leitura, foram as seguintes: toda a obra está cheia do espírito da Contra-Reforma, e nela há muito mais de Liszt do que de Wagner. Além disso, acostumado ao grego e ao demasiado humano, acho a produção wagneriana limitada em excesso, dentro do cristianismo e do tempo. Sobretudo, há no ‘Parsifal’ uma absoluta falta de carne e, em troca, demasiado sangue. [...] Por último dir-lhe-ei que não me agradam as mulheres históricas. Muito do que se suporta no cotidiano, já não o é em cena.”

com Peter Gast a massa de aforismos que compõem a primeira parte do “Humano, demasiado humano”, trabalho que se prolongará até o final de janeiro de 1878, quando o livro é publicado¹⁷.

Em fevereiro de 1878, apresenta ao presidente do conselho da universidade seu pedido de demissão no *Pädagogium*. Alega que, por motivo de saúde, não pode continuar com essas atribuições, mas que, como o médico lhe dera alguma esperança de cura, pode permitir-se ficar com seus encargos na universidade.

Permanece ainda três semestres na universidade. O número de seus alunos aumenta a cada período. Por sua dedicação às aulas e aos alunos, tornara-se alguém que merecia ser ouvido. Na metade de 1878, porém, está no limite de suas forças. Seu estado de saúde se agravava: as crises se sucediam, e as dores oculares obrigavam-no a permanecer a maior parte do tempo sentado no quarto em penumbra. As enxaquecas não o abandonam, e os acessos de vômito tornam-se contínuos.

Em 2 de maio, apresenta sua carta de demissão à universidade. Seu afastamento do mundo universitário não tardaria, mas só a doença acaba por fazê-lo decidir-se a deixar definitivamente a cátedra de filologia.

Graças ao empenho do amigo Overbeck¹⁸, a municipalidade, a sociedade acadêmica e a Universidade da Basileia concedem-lhe uma pensão de 4 mil francos por ano, pelos serviços prestados à cultura na Suíça. Esse dinheiro lhe permitirá viver modestamente até o final de sua vida, em 1900.

17 Em “Ecce homo”, Nietzsche fala da ajuda que o amigo e músico Peter Gast lhe dera quando preparava a publicação de “Humano, demasiado humano”: “no fundo é o senhor Peter Gast, então na Universidade da Basileia, e a mim muito afeiçoado, quem tem este livro na consciência. Eu ditava, a cabeça enfaixada e dolorida, ele escrevia, e corrigia também – ele foi, no fundo, o verdadeiro escritor; eu fui apenas o autor.” (p. 76).

18 Franz Overbeck (1837-1905) era professor na Universidade da Basileia. Ensinava Teologia e Crítica ao Cristianismo do século XIX.

Em julho de 1879, após dez anos como professor, Nietzsche deixa definitivamente Basileia, “em estado de quase desesperação, mas ainda com alguma esperança”. Viverá os dez anos seguintes como filósofo errante, como “o virtuoso dos passeios solitários”¹⁹

NIETZSCHE: UMA LEMBRANÇA QUERIDA

Poucos professores foram tão estimados pelos alunos quanto Nietzsche. Seu temperamento, suas maneiras, o charme de sua personalidade afável fascinava-os. Tinha o poder de entusiasmar os jovens para a disciplina que ensinava. Excelente professor, não visava ao simples acúmulo de conhecimento – pelo contrário, insistia no desenvolvimento do senso crítico e da atividade criadora de cada um. Incitava os alunos a exprimirem livremente suas opiniões, incentivava-os a fazerem suas leituras pessoais e as controlava frequentemente. Não precisava castigar, porque punha para trabalhar mesmo os alunos mais relapsos.

19 Em carta a Peter Gast, datada de 4 de abril de 1883, Nietzsche parece ver com bons olhos a proposta que Overbeck lhe faz de voltar a ensinar na Basileia. Atente-se para o que ele diz: “Agora dê-me um conselho: Overbeck preocupa-se muito comigo [...] fez-me recentemente a proposta de voltar para a Basileia, para ocupar um posto não na universidade, mas no *Pädagogium*, na qualidade de professor de alemão. Esta proposta é boa a tal ponto que quase consegui me convencer; e as minhas razões para aceitá-la fundamentam-se no clima e no ambiente. Overbeck diz-me que, no caso de eu aceitar, não faltariam meios de renovar meu trabalho na Basileia. Recordam-se de mim com prazer e, para falar a verdade, não fui dos seus piores professores. Tomar-se-iam em consideração, para regular a duração de meu trabalho, o estado de meus olhos e a minha pouca resistência. A presença de Jacob Burckhardt, um dos poucos homens ao lado de quem gosto de me sentir, incita-me também a aceitar a proposta de Overbeck.” (19). Mas, apesar da insistência de Overbeck, Nietzsche nunca mais retomou sua profissão de professor.

Tais elogios foram extraídos de relatos deixados pelos alunos de Nietzsche. Para não perder a singularidade de cada olhar e sentir afetividade com que foram ditos, nada melhor do que ler os próprios depoimentos.

Louis Kelterborn, aluno de Nietzsche no *Pädagogium*, escreve em suas "Memórias"²⁰:

Minhas relações pessoais com Nietzsche duraram 10 anos, de 1869 a 1879. O mesmo olhar de veneração que quando ainda adolescente de 17 anos punha sobre o mestre genial, cuja presença me era tão estimulante, eu o poria mais tarde sobre ele, sempre que tinha a felicidade de encontrá-lo no meu caminho. O que mais causava admiração é que ele nos dava a impressão de ser bem mais velho, não só quando assistíamos a suas aulas, mas também quando o observávamos no seu cotidiano. Dava a impressão de que a diferença de idade entre nós não era de apenas sete anos, mas muito mais, apesar do entusiasmo juvenil e cheio de confiança no futuro que o animava. [...] Na primavera de 1869, quando o jovem filólogo foi nomeado para a cadeira de grego na universidade e no nosso *Pädagogium*, eu era aluno do final do segundo ciclo nesse estabelecimento. Lembro-me ainda da sensação causada pela sua pessoa e pelo seu ensino, e também da impressão deixada por sua aula inaugural sobre Homero, tão interessante pelas qualidades artísticas e poéticas quanto importante sob o ponto de vista científico. No mês de maio de 1870, o conselho Visser, responsável pela instrução pública da Basileia, apresentou à nossa classe o novo professor de língua, literatura e filosofia gregas, ressaltando que, apesar de ser ainda muito jovem, era um professor eminente e um brilhante exemplo, digno de todo o nosso respeito. Nós ficamos muito entusiasmados e, durante os meses que se seguiram, nos comportamos da mesma forma que os faríamos em relação a um professor graduado

20

Esses depoimentos foram extraídos do livro de Genevieve Bianquis, "*Nietzsche devant ses contemporains*", e da biografia de Nietzsche por Curt Paul Janz.

que estivesse ali para nos iniciar no mundo da beleza e do pensamento grego, e, sempre que o abordávamos, o fazíamos com o maior respeito. Sua maneira de se dirigir aos alunos nos era absolutamente nova e despertava em nós o sentimento de nossa própria personalidade. Soube, desde o início, estimular-nos para que tivéssemos um maior interesse pelo estudo, talvez mais ainda de maneira indireta, pelo seu saber e pelo seu exemplo, do que de maneira direta, ao nos declarar, por exemplo, que todo homem deveria pelo menos uma vez na vida se dar ao trabalho de consagrar ao estudo um ano inteiro, fazendo da noite o dia, e que esse ano tinha chegado para nós. Ele não nos considerava em bloco, como uma classe ou um rebanho, mas como jovens individualidades, e também nos convidava a visitá-lo em sua casa.

Sua maneira de se exprimir, ponderada, solene, tão cuidada e, no entanto, tão natural, do mesmo modo que todas as suas atitudes e seu comportamento, sua maneira de abordar alguém, de cumprimentá-lo, era realmente harmoniosa, de uma grande unidade de estilo, se isto se pode dizer. Além disso, um de seus principais objetivos era de nos estimular para uma atividade pessoal. [...] O mais engraçado foi quando um dia nos apresentou o seguinte enigma: Que é Filosofia, ou um filósofo? Ninguém conseguiu responder e o próprio Nietzsche se esquivou diante da pergunta. [...]

Aceitei de bom grado seu convite para visitá-lo em sua casa, principalmente na época em que uma entorse obrigou-o a ficar no quarto. [...] Foi uma oportunidade de observar melhor os traços infinitamente atraentes de seu rosto: a boca eloquente mesmo em silêncio prolongado; o queixo redondo e cheio; a cor saudável da pele; o nariz enérgico e bem desenhado, as narinas frequentemente abertas; a testa alta e luminosa, receptáculo de grandes e elevadas ideias e de um pensamento sempre ativo. Os cabelos lisos, castanho-claros, penteados para trás; o farto bigode com reflexos ruivos cobrindo quase completamente a boca, segundo ele, seu “respirador”; seus olhos magníficos, luminosos e expressivos, cuja única

imperfeição era uma forte miopia. Finalmente, o som especial de sua voz, a rica modulação da fala, a espantosa capacidade de síntese e a propriedade de expressão e particularmente a sonoridade simpática de seu riso, tão cordial, tão franco, tão sadio, sem vulgaridade, sem maldade – um riso que jamais ouvi igual e que guardei intacto na minha memória. [...]

Durante a conversa, o professor Nietzsche procurava ouvir mais do que falar; através de perguntas estimulava seu interlocutor a exprimir livremente suas opiniões, mesmo quando se tratava de um de seus alunos. Mas o que me uniu particularmente a ele, desde as primeiras visitas, e me levou a renová-las e a aceitar o convite para acompanhá-lo em suas caminhadas, quando ocasionalmente o encontrava na rua, foi seu temperamento essencialmente musical. A maior parte de nossas conversas girava em torno de questões musicais, no centro das quais brilhava a estrela de Richard Wagner. Desde a primeira visita, ele me confiara que tinha outrora hesitado, como eu mesmo, a se consagrar inteiramente à música, que havia aprofundado seus conhecimentos musicais com a maior seriedade e que havia buscado informação não nos manuais modernos, mas nas fontes antigas, de onde nossos mestres clássicos tinham tirado seu saber. [...]

O que contribuiu muito para fazer crescer minha simpatia e minha admiração pelo novo professor foi a entusiástica estima que tinha pelo nosso grande historiador de arte, Jacob Burckhardt. [...] Nietzsche gostava de repetir que estava persuadido de que nenhuma universidade podia ter um professor de igual valor. [...]

Um dia, Nietzsche abordou a questão do ensino na Alemanha, onde não era realmente possível aprender a falar e a escrever corretamente a língua alemã. Confessou a dificuldade que tinha antes de considerar uma frase digna de ser impressa e de estar completamente satisfeito quanto a sua melodia e a seu ritmo. Declamava-a para experimentar a cadência, o acento, a tonalidade e o movimento métrico e, também, para testar a clareza e a precisão da ideia expressa.

No semestre de 1872-73, éramos apenas dois alunos no curso de retórica grega e latina. Por isso, Nietzsche nos propôs ministrar o curso em sua casa. Reuníamos-nos três noites por semana naquela casa confortável e elegante, onde escutávamos, anotando-as, as frases que ele nos ditava de seu caderno encapado de fino couro vermelho. Às vezes, parava de falar, ora para refletir sobre o que ele mesmo acabara de dizer, ora para nos deixar assimilar bem o que fora dito. [...] Em cada curso, sua exposição se concentrava exclusivamente sobre o tema tratado, mas nós tínhamos, no entanto, por vezes, a oportunidade, antes ou depois da exposição, de ouvi-lo discorrer sobre os assuntos mais diversos. Claro que não faltei a uma única aula.

O depoimento de Louis Kelterborn não é o único. Também Traugolt Siegfried (aluno de Nietzsche durante o ano escolar de 1869-70) conta suas experiências durante seu convívio com o jovem professor:

Cada um de nós tinha como ponto de honra estar à altura das exigências de Nietzsche, e aquele que, por preguiça ou por ignorância, o decepcionava recebia a censura de seus colegas. [...] Sua gentileza e sua atenção encorajavam os alunos a trabalhar e os incitavam a se exprimir livremente. [...] Um velho pastor *emeritus*, que foi aluno de Nietzsche pouco depois de nós, contou-me recentemente que tinha sido outrora um jovem tímido e inseguro. Que um dia Nietzsche, depois de fazer um relato emocionante sobre o processo de Sócrates e de sua defesa diante dos juízes, pediu a seus alunos para virem recitar junto a sua mesa o discurso de Sócrates. Encorajado por seu professor, o jovem pastor, ainda que com o coração batendo, decidiu tentar a experiência. Conseguiu contentar completamente seu professor, que, amigavelmente, lhe sorriu. "Nesse dia", disse-me o jovem pastor, "eu me encontrei; minha timidez desapareceu e agradei a meu venerado professor Nietzsche que soube dar apoio ao jovem inseguro que eu era e despertar assim meus dons".

Outro depoimento aparece sob a forma de um artigo anônimo num suplemento de domingo de 13 de outubro de 1929:

No início de 1869, o professor Visher, presidente do conselho administrativo da Universidade da Basileia, entrou na classe seguido de um jovem de ombros largos, aspecto robusto, altura média, pele bronzeada, cabelos castanhos, testa alta e expressiva, com um grande bigode cuidadosamente penteado. Através de grossos óculos de aro de ouro, ele observava com seus grandes olhos, com um ar um pouco tímido e assustado, os 18 jovens que fixavam sobre ele olhares curiosos. [...] A despeito de seu gênio calmo, tímido e modesto, Nietzsche podia, ao falar, deixar-se levar pela beleza de seu tema, a modo Sófocles, das três às quatro. Nietzsche deu uma magnífica aula sobre a tragédia grega. O entusiasmo o impedia de parar. Às quatro e vinte, falava ainda, e nós o escutávamos mudos de entusiasmo. Um aluno que tinha às quatro horas aula de música olhava muitas vezes para o relógio. Nietzsche, encabulado, retirou-se da sala, desculpando-se mil vezes. Mas nós teríamos gostado de ouvi-lo ainda mais. [...]

Quando traduzíamos, exigia que o fizéssemos em bom alemão; ele mesmo falava uma língua admirável, sem nenhum acento saxão. Mesmo fora da sala de aula, Nietzsche usava sempre uma linguagem cuidada. [...]

Era um homem de poucas palavras, mas sua alegria era visível quando um aluno medíocre conseguia um bom resultado. Cada um de nós ficava contente ao receber dele por um trabalho oral a expressão: muito bem. Sua cordialidade, sua atenção incitava ao trabalho. Preparava os alunos para que soubessem falar espontaneamente, sem recorrer às anotações. Demonstrava a todos a mesma delicadeza. Não deixava transparecer nenhum desprezo pela massa de alunos indiferentes, nem pelos mais fracos ou menos dotados.

Se Nietzsche era parcimonioso nos elogios, usava mais raramente ainda de reprimenda. [...] Nunca o víamos irritado, nunca elevava o tom da voz, nem se alterava [...].

Um outro aluno de Nietzsche, também anônimo, deixa seu relato, dessa vez para contar fatos engraçados ocorridos em sala de aula:

Nietzsche pedira a seus alunos que lessem durante as férias a descrição do escudo de Aquiles e que fizessem espontaneamente um trabalho sobre ele. Na volta às aulas, perguntou a um aluno: “Você leu a passagem em questão?” O aluno, embaraçado, respondeu que sim, que tinha lido o texto, embora não o tivesse lido. “Bem, então”, disse Nietzsche, “descreva-nos o escudo de Aquiles”. Durante o silêncio que se seguiu, Nietzsche deixou passar os dez minutos que lhe teriam sido necessários para expor completamente o assunto, andando pela classe lentamente, com um ar atento, como tinha costume de fazer. Depois, sem perder uma palavra a mais, disse: “Bom, agora que o senhor nos descreveu o escudo de Aquiles, continuemos.”

Esse aluno de Nietzsche ainda nos relata um outro fato, ocorrido em sala de aula quando traduziam um determinado texto do grego para o alemão: “Um aluno lia tranquilamente a tradução alemã que escondia debaixo de sua carteira; Nietzsche disse-lhe: ‘É estranho, você parece ter em sua edição uma versão diferente da minha.’”

Esses relatos não deixam dúvida: Nietzsche, de fato, tinha a personalidade de um educador. Estimulava os alunos na busca de seus próprios interesses, ouvia com atenção suas opiniões pessoais, preparava escrupulosamente seus cursos, corrigia minuciosamente seus trabalhos e mantinha-os, com raro dom, motivados para a matéria que lhes ensinava.

2

**A INCULTURA
MODERNA**

Toda reflexão de Nietzsche sobre a educação tem como finalidade principal denunciar o fato de o saber ter se tornado um luxo, um capital improdutivo com o qual nada se tem a fazer, e protestar contra a “formação histórica” imposta à juventude na Alemanha de Bismarck.

Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica que, ao privilegiar os acontecimentos e as personagens do passado, retira do presente sua efetividade e desenraiza o futuro. Uma história, um pensamento que não servem para engendrar vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana.

É pensando na juventude e confiando nela que Nietzsche grita: “Já basta de cultura histórica”. “De resto, abomino tudo aquilo que me instrui sem aumentar e estimular imediatamente minha atividade.”²¹ – com essa citação de Goethe, Nietzsche inicia sua agenda “Extemporânea” e dela tira a seguinte conclusão: deve-se abominar o ensino que não vivifica e o saber que esmorece a atividade. O homem deve aprender a viver, e só se utilizar da história quando ela estiver a serviço da vida.

Para Nietzsche, é preciso ser jovem para compreender seu protesto. Sua aversão à cultura e à educação de sua época pode ser mal interpretada, isto é, pode ser considerada absurda e *indigna do poderoso movimento histórico do século XIX*²², mas seja como for, ele não deixa de exprimi-la. Sente-se filho do tempo presente, porém ousa descrever e tornar público um sentimento muito pouco atual para sua época. “É uma liberdade que me concedo a mim mesmo, enquanto filólogo clássico, porque não vejo para que poderia servir a

21 Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, prefácio,

22 Nietzsche, ao falar do “poderoso movimento histórico do século XIX”, refere-se ao hegelianismo de sua época, que erigiu a história como um sucedâneo da religião.

filologia no nosso tempo, senão para lançar uma ação intempestiva contra esta época, sobre esta época e, assim o espero, em benefício do tempo que há de vir.”²³

Os “espíritos históricos” confundem cultura com cultura histórica. Por isso, a erudição alemã tornou-se uma espécie de saber em torno da cultura, um saber falso e artificial. Falso e artificial porque tolera a contradição entre vida e cultura. A cultura, na perspectiva de Nietzsche, só pode nascer, crescer, desenvolver-se a partir da vida e das necessidades de vida. Mas os alemães, por sua vez, têm a cultura apenas como um adorno, uma “flor de papel decalcada sobre a vida” ou um confeito de açúcar para enfeitá-la.

Que forças fundam a cultura artificial e operam a disjunção entre a vida e cultura? O excesso de história, o *saber a qualquer preço*, a ruminação do passado, a cultura da memória – são essas forças que separam a cultura da vida. Quando a história se põe a serviço da vida passada, alerta Nietzsche, torna-se *coveira do presente*. Depauperiza e provoca a degenerescência da própria vida. Longe de alimentá-la, mumifica-a. Fossiliza o próprio tempo. O excesso de história conserva a vida, mas não sabe fazê-la nascer; por isso, só faz depreciar a vida em transformação.

É preciso ficar claro que Nietzsche não tem a ingenuidade de opor à história a ausência de sentido histórico. O que discute é em que medida a história pode ser útil à vida. Analisa as causas e descreve os sintomas da doença histórica: a expansão do saber e o conseqüente enfraquecimento da cultura. Nós não somos feitos para o saber, é o saber que é feito para nós. A vida tem necessidade da história, e a história é própria do ser vivo. O excesso de história, no entanto, envenena a vida.

Nas anotações feitas durante a primavera de 1873, um ano antes da publicação da segunda “Extemporânea”, Nietzsche define o filósofo como “médico da civilização”. Se a história faz parte, por princípio, da natureza humana e seu excesso deixa o homem doente, então se trata de vê-la segundo uma perspectiva médica. É preciso saber até que ponto o estudo da história é comandado pela vida e não por uma necessidade de “conhecimento puro”. O que Nietzsche propõe para a cultura histórica é uma questão de dosagem. Não se trata de negar o sentido histórico, mas de conter o seu domínio, de conduzi-lo a uma justa medida. Absorvida em pequenas doses, ela não envenena a vida nem a cultura, embora, em doses excessivas, mate tudo o que quer nascer:

Para determinar em que medida o passado deve ser esquecido, sob pena de se tornar o cozeiro do presente, é necessário conhecer a medida exata da *força plástica* de um homem, de uma nação, de uma civilização, quer dizer, a capacidade de crescer por si mesmo, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as formas destruídas.²⁴

O artista, homem ativo por excelência, não deixa que a massa do saber histórico o submerja, porque sabe que ela retiraria de si o único poder que lhe cabe na terra: o da criação. Busca o passado, porque tem necessidade de modelos que não consegue encontrar ao seu redor. Absorve e transforma em sangue próprio todo o passado, o seu e o dos outros, para utilizá-lo em sua obra, mas sabe também que todo ato criador nasce de uma atmosfera não histórica, de um estado de esquecimento. Para realizar sua obra, o artista “esquece a maior parte das coisas para realizar uma só, é injusto para com o que está atrás de si e só conhece um direito, o

24

Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 1. Nietzsche dá o nome de força plástica de um homem, de uma nação, de uma civilização à capacidade que tem de assimilar o passado e encontrar em si a energia necessária para crescer, agir e criar.

daquele que vai ser.”²⁵ Mas o homem de cultura histórica, diferente do artista, utiliza-se da história para alijar o presente de sua efetividade: por toda parte, arrasta consigo as “indigestas pedras do saber”. Desconhece a “força plástica” de que dispõe para digerir a multiplicidade de conhecimentos que pode armazenar sem perigo para o seu desenvolvimento harmonioso, pois é ela que transforma em sangue e carne todo o alimento intelectual e, de uma maneira geral, todas as suas experiências. Orgulha-se de sua cultura histórica, porque esta o coloca no fim da história.

Para Nietzsche, a cultura histórica padece da “crença paralisante” de uma representação teológica, herdada da Idade Média. Em outras palavras, “sofre do pensamento da proximidade do fim do mundo”, do terror do “Juízo Final”. Na origem do abuso da história, está o pessimismo cristão. Sob a máscara da erudição, esconde-se uma “teologia camuflada”²⁶. A cultura histórica – “o olhar para trás, fazer as contas, concluir, procurar consolo no que foi, por meio de recordações” – prediz uma conclusão da vida sobre a Terra e “condena tudo o que vive a viver o último ato”. Tudo sobrevive sob esta máxima: “é bom saber todo o acontecido, porque é tarde demais para fazer algo de melhor”²⁷.

Esse sentimento de desesperança ensombrece toda educação e cultura superiores e impede que o novo venha a existir. Contudo, para se ter uma cultura superior, não basta despojar a cultura de sua artificialidade, de sua crença no fim do mundo, de seu “verniz histórico”. Também é necessária uma tarefa educativa, um trabalho árduo, lento e penoso.

Já que os eruditos alemães utilizam-se da história para desenraizar qualquer tipo de educação que não tenha por objetivo

25 Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 1.

26 Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 8.

27 Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 8.

transformar os indivíduos em seres aptos a ganhar dinheiro e servir de maneira eficiente a cultura vigente, fica a questão: onde encontrar educadores que possam trazer de novo para a vida a “ciência da história”? A educação alemã tem como fundamento o saber, e a utilidade – sua alma – exige de seus servidores uma atitude passiva e receptiva. Como fundar, então, uma cultura autêntica?

Nietzsche descarta de antemão a possibilidade de o educador ser um “filisteu da cultura”, pois este nada mais é do que um produto da cultura da memória. Por encontrar sempre em sua volta – nas instituições públicas, nas escolas, nos estabelecimentos de arte – pessoas dedicadas a se regalar com o “pó das minúcias bibliográficas” e por acreditar que a cultura existe para preencher suas necessidades, sente-se o digno representante da cultura de sua época. Para Nietzsche, o “filisteu da cultura” nada mais é do que “um ser empanturrado de mil impressões de segunda mão, sempre disposto a discorrer sobre o Estado, a Igreja, a filosofia e a arte”²⁸, que se transporta para o passado e nele faz seu ninho: um gênio que nunca saiu da garrafa. Uma criatura robusta, amiga das comodidades, dando ao poder estabelecido a certeza de que jamais lhe causará embaraço.

O exame da literatura escolar e pedagógica dos últimos decênios levou Nietzsche a constatar que, apesar das flutuações dos programas e da violência dos debates, o projeto educativo continua a ser o mesmo: a formação do “homem erudito”. O monótono cânone da educação poderia resumir-se nestes pontos: o jovem aprenderá o que é cultura e não o que é vida, isto é, não poderá de modo algum fazer suas próprias experiências; a cultura será insuflada no jovem e por ele incorporada sob a forma de conhecimento histórico; seu cérebro será entulhado de uma enorme quantidade de noções tiradas do conhecimento indireto das épocas passadas e de povos desaparecidos, e não da experiência direta de vida. Se, porventura, o jovem sentir necessidade de aprender alguma coisa por si próprio e

desenvolver “um sistema vivo e completo de experiências pessoais”, tal desejo deverá ser abafado. Em compensação, terá a possibilidade de, em poucos anos, acumular em si mesmo as experiências memoráveis do tempo passado.

Todo sistema educacional é concebido como se o jovem pudesse descobrir sua vida nas técnicas passadas. Como se a vida não fosse um ofício que é preciso aprender a fundo. Quem quisesse pulverizar esse tipo de educação deveria, segundo Nietzsche, ser o porta-voz da juventude, iluminá-la com uma nova concepção de educação e cultura. Mas como atingir esse objetivo, tão estranho a sua época?

Antes de tudo, acreditando em um outro tipo de educação, o qual não se nortearia pelos mesmos princípios que fundam a pseudocultura. A Alemanha do século XIX crê na verdade eterna de sua educação e no seu “estilo de cultura”²⁹, mas, na verdade, falta tal estilo, pois a cultura é a:

[...] unidade de estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo. Saber muito e ter aprendido muito não são nem um meio necessário, nem um signo de cultura, mas combinam-se perfeitamente com o contrário da cultura, a barbárie, com a ausência de estilo ou com a mistura caótica de todos os estilos.

Por encontrarem sua marca em toda parte, os “filisteus da cultura” concluem que a cultura alemã possui unidade de estilo. Mas a unidade de que se vangloriam é a de não possuir nada por eles mesmos. Procuram imitar modelos por toda parte, elevando o cosmopolitismo à altura de uma instituição:

Parece-me, por vezes, que os homens modernos experimentam um tédio tão grande no convívio com outros homens que acabam por considerar indispensável se tornarem interessantes e, para isso, valem-se de todas as

artes. Pedem aos seus artistas que os sirvam como pratos apimentados e temperados, condimentam-se com todas as especiarias do Oriente e do Ocidente e, certamente, exaltam então um perfume dos mais interessantes, cheiram ao mesmo tempo a Oriente e a Ocidente.³⁰

Quando Nietzsche denuncia o caráter imitativo dos alemães, não tem por objetivo contrapor à mistura caótica de todos os estilos uma cultura nacional; pelo contrário, critica o nacionalismo exacerbado dos que confundem cultura com as glórias militares dos exércitos prussianos. Quando afirma a originalidade do espírito alemão, dos seus filósofos e artistas nacionais, é para lutar contra a imitação superficial dos costumes, das artes e da filosofia de outros povos e o conseqüente desenraizamento da cultura alemã.

O segredo dissimulado da cultura moderna, sua verdade eterna, é que ela não possui nada de próprio, tendo-se tornado alguma coisa que se assemelha a uma “enciclopédia ambulante”, uma película que envolve os costumes, as artes, as filosofias, as religiões e o conhecimento alheio: “mas o valor das enciclopédias está apenas no seu conteúdo e não no invólucro, na sua encadernação de couro; é desta forma que a cultura moderna inscreve qualquer coisa do gênero: ‘Manual de cultura histórica para homens de exterior bárbaro.’”³¹

O saber absorvido sem medida aparente pelo homem deixa de atuar como motivo transformador, não aflora, permanece escondido e forma o que Nietzsche chama de sua “interioridade” – um amontoado de coisas acumuladas desordenadamente. A oposição entre interior e exterior no homem é, na verdade, o sintoma mais evidente de uma cultura decadente e da ausência de uma unidade de estilo.

30 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer* como educador, § 6.

31 Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 4.

O homem moderno oscila entre dois polos: o exterior e o interior. Ora apresenta-se, como diz Zaratustra, com “basófias e enchendo o peito” para dissimular a pobreza do interior; ora quer fazer acreditar que tem um rico interior e não o manifesta por modéstia. Desagregado e em ruína, dividido, desconfiando das sensações que ainda não receberam o selo das palavras, o homem passa a ser um organismo sem vida, que tem o direito de dizer “*cogito ergo sum*” (penso, logo existo), mas não “*vivo ergo cogito*” (vivo, logo penso)³².

O que Nietzsche deplora na educação é a disjunção entre corpo e espírito. Sua concepção de educação, fortemente influenciada pelos gregos, considera que corpo e espírito devam ter o mesmo desenvolvimento, sem que haja a hipertrofia de nenhum desses dois elementos. Reprova também o fato de a educação de sua época não ter como objetivo formar personalidades fortes, mas sim homens teóricos.

Sendo assim, pode-se concluir que o excesso de história, a cultura livresca, a separação do corpo e do espírito levam Nietzsche a dizer que a Alemanha não tem exatamente uma cultura. Se ela existe, é apenas uma cultura artificial, e não a expressão direta da vida; um suplemento, um excedente. Poderíamos desfazer-nos dela sem o menor prejuízo para a vida, pois é apenas um conjunto de adornos para tirar o homem de seu tédio. A Alemanha não possui uma cultura, nem pode tê-la, em virtude do seu sistema educacional. A partir do reconhecimento dessa verdade, afirma Nietzsche, deverá ser educada a primeira geração dos que irão construir uma cultura autêntica.

Todavia, essa geração deverá educar-se a si mesma e contra si mesma – isto é, terá de formar novos hábitos e uma nova natureza, desfazer-se de sua primeira natureza, abandonar seus primeiros

hábitos, de tal modo que diga: “Que Deus me defenda de mim, da natureza que me foi inculcada.”³³

Todas as ações ligam-se a apreciações de valor, e todas as apreciações de valor são ou pessoais ou adquiridas – e estas últimas são, sem sombra de dúvida, as mais numerosas. As pessoas submetem-se mais às convenções do que às suas próprias convicções. No primeiro parágrafo de “Schopenhauer como educador”, Nietzsche relata a seguinte passagem: perguntaram a um viajante, que havia percorrido muitos países e conhecido vários povos, qual a qualidade que mais encontrara nos homens. Sua resposta foi esta: uma propensão à preguiça: por toda parte, encontrara homens entediados, escondendo-se atrás dos costumes e das opiniões alheias. Por preguiça e temor ao próximo, os homens se comportam de acordo com as convenções e seguem a moda do rebanho. Que motivo tem para adotar sempre as opiniões e as apreciações de valor de seu semelhante? Em uma palavra, o hábito. Desde a infância, convivem com as apreciações de valor de seus avós. São guiados por esses juízos adquiridos e raramente pensam na sua aprendizagem. Desde crianças, são albergues abertos a tudo e, como todo mundo, acreditam que a maior virtude é estar conforme as opiniões de todos.

Mas para desprender-se e defender-se das virtudes do rebanho é necessário que os homens engulam a seguinte verdade, como um remédio amargo: a primeira virtude do homem é ousar ser ele mesmo. É preciso triunfar sobre si mesmo, isto é, sobre a natureza que lhe foi inculcada e o tornou inepto para a vida. Para Nietzsche, não há espetáculo mais hediondo do que ver um homem que se despojou do seu “gênio”, do seu criador e inventivo. Falta-lhe medula. Só tem fachada. Assemelha-se a um “fantasma da opinião pública”.

O fato de o homem ser uma singularidade e, como todo caso único, não se repetir deve encorajá-lo a viver segundo sua própria lei

e medida. Ele tem de mostrar por que nasceu em determinada época e não em outra, pois só desse modo fará justiça a seu próprio tempo. Portanto, só deve respeitar uma única instituição: sua própria alma.

A INDIVIDUALIDADE PARA NIETZSCHE

Na interpretação do que seja a individualidade para Nietzsche, dois contrassensos devem ser evitados.

Quanto ao primeiro – a existência de um verdadeiro eu –, Sarah Kofman observa que é possível fazer uma primeira leitura inteiramente metafísica do individualismo de Nietzsche.

Convocar o indivíduo para a tarefa “de chegar a si mesmo” é uma questão constantemente abordada por filósofos e moralistas. Foi sempre prerrogativa de filósofos e moralistas convidar o ser humano a buscar sua natureza íntima, “*a conhecer a si mesmo*”. Para isso, bastaria que o indivíduo se despojasse dos artifícios que cobrem o seu íntimo. Poder-se-ia pensar que, de certa forma, o mesmo se dá com Nietzsche. Entretanto, não se pode aplicar uma leitura metafísica à questão do individualismo de Nietzsche. A crítica da noção de sujeito, de consciência, de “eu” é uma constante em sua obra. Desde os seus primeiros escritos, Nietzsche repudia a ideia espúria de um “eu” fixo e estável, a qual contribui, em muitos aspectos, para a vida gregária, pois, no fundo, esse “eu” é igual a todos os outros “eus” gregários. É uma mistificação que deve ser superada, o depósito de todo o ideal burguês, de todo o preconceito que recebemos de nossos pais e avós.

O “eu” a que Nietzsche se refere é algo que se almeja e se supera, e não uma substância fixa. Assim, não existe para Nietzsche um “**verdadeiro eu**”, pois ninguém pode estar certo de ter-se despojado de todas as suas máscaras. Por trás de cada máscara, há

sempre muitas outras máscaras; por trás de cada pele, muitas outras peles: “Se é verdade que a lebre tem sete peles, o homem pode despojar-se de setenta vezes sete peles e ainda não poderá dizer: eis realmente o que você é, não é mais um invólucro.”³⁴

O outro contrassenso é confundir o individualismo nietzschiano com o do Romantismo, cuja tese básica é a seguinte: o indivíduo, pra se constituir como tal, precisa diferenciar-se da sociedade como um todo e, ao mesmo tempo, diferenciar-se de todos os outros indivíduos, de modo que possa tornar-se uma singularidade insubstituível, um ser único. Essa tese parece ter produzido um eco na filosofia de Nietzsche. Em várias afirmações de “Schopenhauer como educador”, Nietzsche refere-se ao homem como “o milagre de uma única vez”. “Todo homem sabe muito bem que está no mundo somente uma vez, como um caso único, e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja, reunirá uma segunda vez uma tão estranha diversidade multicolorida num todo tal como ele é.”³⁵ No entanto, só à primeira vista o individualismo de Nietzsche assemelha-se ao do Romantismo.

De fato, nessa tarefa de “chegar a si mesmo”, o indivíduo deve distanciar-se da cultura artificial, assim como da massa gregária. Mas Nietzsche de modo nenhum afirma que o homem busca um “eu” perdido no fundo de seu ser como a um ponto fixo, nem que esse “eu” só pode ser encontrado em si mesmo e não em qualquer coisa externa a ele. Pelo contrário, Nietzsche vê a tentativa de querer descer ao fundo de si como uma tarefa inútil:

É além disso um empreendimento penoso, perigoso, vasculhar assim em si mesmo e descer violentamente pelo caminho mais curto ao fundo de seu ser. Como é arriscado ferir-se com isso de modo que nenhum médico possa curar. E ainda mais: para que isso seria necessário,

34 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 1.

35 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 1.

se tudo é testemunha de nosso ser, nossas amizades e inimizades, nosso olhar e a pressão de nossa mão, nossa memória e o que esquecemos, nossos livros e os traços de nossa pena?³⁶

O que revela a “lei fundamental de nosso ser” é o conjunto dos objetos que nos preenchem e dominam. A sucessão dos “objetos venerados”, isto é, o que temos amado, o que nos atrai, o que nos tem feito feliz e a comparação que se pode estabelecer entre eles, é isto que revela nossa individualidade:

[...] compara estes objetos, vê como se completam, se ampliam, se enriquecem, se iluminam mutuamente, como formam uma escala graduada com que elevaste a ti mesmo; pois teu verdadeiro ser não está escondido dentro de ti, mas, ao contrário, infinitamente acima de ti, ou pelo menos daquilo que consideras habitualmente por teu eu.³⁷

Assim, para Nietzsche, a formação autêntica não é uma volta ao “eu” verdadeiro, nem o desmascaramento dos obstáculos fictícios que entravam a cultura do “eu”. O “eu” é uma construção, um “cultivo de si” permanente. Para ousar ser um “si mesmo”, é preciso, antes de tudo, uma tarefa educativa.

COMO EDUCAR A SI MESMO

Para dar um exemplo de como educar a si próprio, Nietzsche fala, em “Schopenhauer como educador”, de suas experiências do domínio da educação. Em tom confessional, descreve um fragmento de sua personalidade educadora:

36 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 1.

37 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 1.

Quando outrora eu me abandonava à minha fantasia, a fazer projetos, acredita que o terrível esforço, o temível dever de me educar a mim mesmo, me seria poupado pelo destino, porque, no momento oportuno, encontraria um filósofo para me educar, um verdadeiro filósofo ao qual se pudesse obedecer sem mais reflexão, em quem se teria mais confiança do que em si mesmo. Em seguida, é verdade, perguntava-me por quais princípios ele poderia nortear minha educação. Perguntava-me o que ele diria das duas máximas que estão em voga na nossa época. Uma exige que a educação identifique desde cedo o ponto forte de seus alunos e dirija então todas as suas energias, todas as suas forças e todo o brilho do sol sobre ele a fim de tornar madura e fecunda esta única virtude. A outra máxima quer, ao contrário, que o educador tire partido de todas as forças existentes, cultive-as e faça reinar entre elas uma relação harmoniosa.³⁸

A primeira postura focaliza um centro e deixa as outras forças na obscuridade. Trata-se de uma educação despótica, cujo produto é um ser distorcido, inepto em todas as outras coisas para as quais não foi preparado e, muitas vezes, mesmo naquilo em que foi treinado. A segunda abordagem, por sua vez, coloca todos os dons no mesmo plano, todos sendo iluminados ao mesmo tempo. Essa é uma educação democrática, cujo produto é o homem burguês, o animal de rebanho.

A oposição entre o dom dominante e as outras forças existentes é própria de uma educação decadente. Em primeiro lugar, porque o dom, o centro, não é anterior à aprendizagem, mas o produto de uma aprendizagem: aquele que aprende dota a si mesmo. Em segundo lugar, porque sem as outras forças o centro tende a desaparecer. Se o dom nada mais é do que um “instinto mais forte que obedeceu por mais tempo a uma mesma regra”, ele só pode continuar a existir, a ser dominante, se os outros instintos não forem eliminados e se continuarem trabalhando sob seu comando.

Na tentativa de superar sua época, Nietzsche sonhava encontrar um filósofo-educador que o ajudasse a educar a si mesmo. Esse filósofo deveria ter por princípio ajudá-lo a descobrir sua “força central” e impedi-la de exercer um domínio sobre todas as outras forças, a ponto de excluí-las; um verdadeiro filósofo, capaz de elevá-lo acima da deficiência do tempo presente, alguém que o ensinasse a ser “*simples e honesto* no pensamento e na vida, portanto intempestivo no sentido mais profundo da palavra.”³⁹ Embora tal filósofo-educador lhe faltasse, ele continuava procurando-o.

Não o achou na universidade. Os filósofos acadêmicos eram-lhe “pessoas absolutamente indiferentes”; faltava-lhes vida, simplicidade e honestidade: “Sua atividade consistia em fazer alguma coisa a partir do resultado de outras ciências, a ler jornais nas horas de lazer e a frequentar concertos.”⁴⁰

Se não se encontram mestres na universidade, onde estão os filósofos-educadores, os médicos da humanidade para guiar os homens na sua educação? Eis a tese principal de Nietzsche: ainda não existem esses educadores, mas quando existirem não poderão fazer muito pelos seus alunos, a não ser se tornarem seus libertadores, ou seja, criando as condições para que o educando seja eu próprio educador:

Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, somente tu. Existem, por certo, inúmeras veredas, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te do outro lado do rio; mas isso te custaria a tua própria pessoa: tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho, por onde só tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o.⁴¹

39 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 2.

40 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

41 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 1.

Diante da desolação em que se encontra a cultura contemporânea, e na falta de verdadeiros “médicos da civilização”, de “educadores liberadores”, Nietzsche busca um modelo, um iniciador. Alguém que pudesse imitar, que não fosse um “manual encarnado” nem uma “abstração encadernada”. O exemplo que procurava deveria ser dado “pela vida visível e não apenas pelos livros; deveria, pois, ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto, atitude, vestuário, alimentação, costumes, mais ainda do que por aquilo que é dito ou escrito.”⁴²

Nietzsche – tal como Goethe, que se voltou para o passado porque, em sua época, não pôde encontrar entre os que o rodeavam caracteres para utilizar em sua obra – volta-se então para a história, buscando-a como um antídoto para furtar-se à influência paralisante de sua época:

Se, de modo geral, a história não fosse nada mais do que “o sistema universal da paixão e do erro”, o homem teria de ler nela assim como Goethe aconselha que leia o *Werther*, como se ela clamasse: “Sê um homem e não me sigas!” Por felicidade, porém, ela guarda também a memória dos grandes que combateram *contra a história*.”⁴³

É esta outra história que os que querem se educar a si mesmos devem procurar. O valor de um pensamento não está no conhecimento que pode fornecer, mas na vida que pode sugerir. O que se deve extrair de um sistema não é sua verdade, mas o “fragmento de personalidade que ele contém, a única verdade irrefutável!”

42 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 3.

43 Friedrich NIETZSCHE, *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 8.

A DESCOBERTA DE SCHOPENHAUER

Em 1865, Nietzsche descobre Schopenhauer; não a presença viva dele, mas um livro, "O mundo como vontade e representação", exposto na vitrine de uma livraria em Leipzig. Toma-o nas mãos e examina uma página. O vigor de uma frase, a exatidão com que as palavras estavam escritas o perturbam. Sem saber quem era o demônio que soprava a seu ouvido "Volta para casa com este livro", compra-o.

Já em seu quarto, abre o tesouro que adquirira e deixa o sombrio pensador agir sobre ele. Um único desgosto o inquieta: seis anos antes, Schopenhauer ainda estava vivo; teria sido possível se aproximar dele e com ele conversar. Durante 11 dias, mal dorme: deita-se às duas horas, levanta-se às seis. Lê com avidez as 2 mil páginas do livro e confessa que sabia desde as primeiras palavras que lia com atenção toda a obra de Schopenhauer:

Na verdade, o fato de tal homem ter escrito aumentou o prazer de viver nesta Terra. De minha parte, ao menos, desde que conheci esta alma, a mais livre e a mais vigorosa, ela me fez dizer dele o que ele próprio dissera de Plutarco: "Mal lancei os olhos sobre ele, ganhei uma perna ou mesmo uma asa". É ao lado dele que eu me colocaria, se o dever me impusesse escolher uma pátria na Terra.⁴⁴

Nietzsche impressiona-se com o estilo de Schopenhauer; este não escreve à maneira dos eruditos que desconhecem o sabor das palavras, o equilíbrio das frases. O estilo de Schopenhauer lhe faz lembrar Goethe: só diz o que é profundo e o que comove. Não se utiliza dos meios artificiais da retórica, nem escreve com paradoxos, porque não quer seduzir: "Schopenhauer jamais quer aparecer, pois escreve para si mesmo e ninguém se apraz em ser enganado; sobretudo um filósofo que se erigiu esta lei: "Não engane ninguém, nem a ti

mesmo"⁴⁵. Se quisermos imaginar um leitor para Schopenhauer, "que fala para si mesmo", devemos supor um filho sendo instruído pelo pai: um discurso rude diante de um ouvinte que escuta com amor.

Schopenhauer incomodava-se pouco com as castas acadêmicas, não via a vida por intermédio das opiniões alheias. Teve o privilégio de ver "o gênio de perto, não somente em si, mas fora de si, em Goethe: por esse duplo espelhamento ele foi informado e advertido a fundo sobre todos os alvos e culturas de erudição."⁴⁶ Aspirava a ser independente do Estado e da sociedade. Não temia entrar em contradição com a ordem existente, pois respeitava uma única verdade: a que trazia em si mesmo. É este o exemplo que Nietzsche tira de Schopenhauer.

O que desolava Nietzsche é o fato de Schopenhauer não ter servido de modelo aos seus contemporâneos, sendo vítima de uma "conspiração do silêncio". "O mundo como vontade e representação", publicado em 1818, foi jogado entre papéis velhos e vendido a peso. Condenaram-no por dar mais valor a sua filosofia do que a seus contemporâneos. Seu infortúnio foi ter aprendido com Goethe que, para salvar a existência de sua filosofia, era preciso defendê-la a todo custo contra a indiferença. Daí a terrível inquietação em que vivia e seu júbilo com o menor traço de notoriedade. Totalmente isolado, sem um único amigo, sempre em busca de homens para compartilhar ideias, Schopenhauer lutou sozinho contra seu tempo.

Todo pensador que trabalha para a cultura é um pensador solitário, escreve Nietzsche. E corre perigo. Por ser um "grande acumulador de forças históricas e fisiológicas", de matérias explosivas contra a sua época, arrisca-se a ser colhido numa rede de mal-entendidos, a ser mal interpretado, porque os que professam a opinião pública acreditam ser os únicos a poder manifestar suas opiniões.

45 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 2.

46 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 7.

O pensador solitário sabe que, em qualquer circunstância, continuará a perecer ainda mais diferente do que é; ainda que só queira ser leal consigo mesmo, estará privado de tudo o que o homem normalmente deseja: a segurança de uma carreira fácil, a honra e o reconhecimento. Seu destino será o isolamento; onde quer que viva, viverá num deserto ou numa caverna. Se por medo da solidão abdicar de seu "gênio" e deixar afrouxar as rédeas de seu talento, sucumbirá como homem e viverá como um fantasma em meio às opiniões científicas.

Por isso, é com entusiasmo que relata seu encontro com Schopenhauer: aumentou sua potência de agir e seu prazer de viver na Terra. Com a exposição de sua experiência, na procura e no encontro de um pensador que o ajudou em sua formação, não tem como meta apenas falar em sua causa própria, mas, de algum modo, fazer sua experiência servir a outros que, como ele, queiram se educar: "Certamente, existem muitos outros meios de um indivíduo encontrar-se a si mesmo, escapar ao atordoamento no qual se move habitualmente como se estivesse no interior de uma nuvem escura e de ser ele mesmo, mas não conheço outro melhor que o de se lembrar de seus mestres e de seus educadores."⁴⁷

A IMITAÇÃO CRIADORA

À primeira vista, pode parecer estranho ouvir Nietzsche recomendar aos que querem se educar que procurem um modelo para imitar. É bom lembrar que Nietzsche critica o "filisteu da cultura" justamente pelo fato de ser um imitador, um espectador da vida e do pensamento alheio, e não autor de sua vida e de seus pensamentos. Para evitar mal-entendidos, é preciso compreender a que tipo de

imitação Nietzsche se refere, e como se aproximar de um modelo que ao mesmo tempo eduque e eleve.

Nietzsche adverte para o perigo que corre todo imitador. A dignidade de um pensador ou artista, a sua superioridade sobre todos os outros homens pode fazer com que os que queiram imitá-los fiquem de fora da comunidade dos ativos. De que modo isso pode acontecer? A imagem do grande homem pode produzir uma cisão na alma e na personalidade do indivíduo, de tal forma que ele comece a viver em dupla direção: em contradição consigo próprio e voltado para quem deseja imitar. Isso fatalmente lhe retirará todo o poder de agir, e seu pensamento não poderá ser outro: “Não poderei fazer melhor do que ele; portanto, permanecerei não fazendo nada.” Assim, novamente o indivíduo se deixa imobilizar: “Se tudo já está feito, é melhor cruzar os braços e esperar o fim da história.”

A imitação a que Nietzsche se refere não é a imitação do “filisteu da cultura”, nem a imitação a que pode sucumbir um jovem bem-intencionado. A imitação, para ele, é ativa, deliberada, construtiva, e permite a reconstrução do modelo, a superação de si mesmo e a anulação do efeito paralisante de sua época. Como bem escreve Lacoue Labarthe, em seu livro “A imitação dos modernos”:

Assim, a luta de Nietzsche contra a imitação e a cultura histórica consiste, no essencial, numa conversão da *mimesis* [...] converter a *mimesis* é torná-la viril. É fazer com que ela deixe de tomar a forma da submissão para tornar-se realmente criadora. E, se na imitação passiva ocorre um mau relacionamento com a história, é esse mesmo relacionamento que é preciso converter e transformar em relacionamento criador.⁴⁸

Em suma, Nietzsche propõe uma imitação criadora. Não se trata de repetir passivamente o modelo, mas de encontrar o que

48

Lacoue-LABARTHE, Philippe, “*L’imitation des Modernes*”, p. 101. Labarthe usa, neste texto, o conceito de *mimesis* como sinônimo de imitação e também de imitação ativa, isto é, de recriação da realidade.

tornou possível sua criação. É a imitação da “história monumental”, isto é, do que é exemplar e digno de ser imitado, e deve visar “a superar o modelo”. Imitar o modelo quer dizer mimetizar sua força criadora e transformadora. O exemplo é um estímulo para a ação e para uma nova configuração.

É interessante notar que, com a concepção de imitação criadora – imitar não o pensamento contido no sistema, mas a atividade criadora que produziu o pensamento – presente na segunda “Extemporânea”, Nietzsche não estava muito longe daquilo que diria em “*Ecce homo*” (1888), ao reler “Schopenhauer como educador”: “Não se tratava de Schopenhauer educador, mas de Nietzsche educador⁴⁹”.

Na terceira e na quarta “Extemporâneas” são contra isso levantadas, como indicações para um *mais elevado* conceito cultura, para reestruturação do conceito “cultura”, duas imagens do mais severo amor de si, *cultivo de si*, tipos extemporâneos *par excellence*, plenos de soberano desprezo por tudo o que ao seu redor se chamava “*Reich*”, “cultura”, “cristianismo”, “Bismarck”, “êxito” – Schopenhauer e Wagner, *ou*, em *uma* palavra, Nietzsche...

E, mais adiante, ele diz:

Agora que olho para trás e revejo de certa distância as condições de que esses escritos são testemunho, não quero negar que no fundo falam apenas de mim. *Wagner em Bayreuth* é uma visão do meu futuro; mas em *Schopenhauer como educador* está inscrita minha história mais íntima, meu *vir a ser*. Sobretudo meu compromisso!⁵⁰

Para Nietzsche, tomar Schopenhauer como modelo significou, em primeiro lugar, cultivar-se: “Estou bem longe de crer ter compreendido Schopenhauer corretamente; aprendi apenas a me

49 Friedrich NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p. 98.

50 Friedrich NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p. 102.

compreender um pouco melhor através de Schopenhauer; é por isso que lhe devo o maior reconhecimento.”⁵¹ Em segundo lugar, tornar-se ele mesmo – Nietzsche. Para resolver um problema de educação, para exprimir ideias inusitadas, Nietzsche foi obrigado a balbuciar em voz estrangeira, a usar a máscara de Schopenhauer. Para tornar-se um, para fazer a psicologia do erudito, teve necessidade de ser muitas coisas em muitos lugares, teve necessidade de ser também um erudito.

Como o “homem é uma espécie cujas qualidades ainda não estão fixadas”, para poder chegar a si mesmo, elevar-se e “transformar-se numa espécie superior”, ele tem necessidade da educação, do cultivo de si, embora, para isso, deva perguntar-se: *Para que vivo? Que lição devo tirar da vida?* A essas perguntas, o homem comum responde apressadamente: *Para tornar-me um bom cidadão, um erudito ou um comerciante.* Mas o homem que está voltado para criar uma cultura autêntica deve responder: *Para elevar-me e produzir os grandes homens.*

A humanidade deve constantemente trabalhar para engendrar grandes homens. É esta a sua tarefa, e mais nenhuma outra. Como seria bom aplicar à sociedade e a seus fins um ensino que se poderia tirar a partir da observação de todas as espécies do reino animal e vegetal – para elas, só importa o exemplar individual superior, o mais raro, o mais poderoso, o mais complexo, o mais fecundo –, que prazer seria se os preconceitos enraizados pela educação quanto à finalidade da sociedade não oferecessem uma resistência obstinada.⁵²

Mais quais seriam esses “preconceitos enraizados pela educação”, que impedem a formação de uma espécie superior?

51 Friedrich NIETZSCHE, *Fragments Postumos*, Primavera-verão de 1874, 34[13].

52 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 6.

OS PRECONCEITOS DA EDUCAÇÃO

Duas correntes, aparentemente opostas, mas igualmente nefastas em seus resultados, dominam os estabelecimentos de ensino alemães. De um lado, a ampliação tanto quanto possível da cultura; de outro, a sua redução e enfraquecimento. A primeira tendência procura levar à cultura um número cada vez maior de indivíduos. A segunda exige que a cultura abandone suas pretensões à soberania e se consagre à defesa dos interesses do Estado. Assim, adquirir cultura significaria capacitar os indivíduos a ganhar dinheiro, pôr rapidamente mãos à obra ou então ingressar nos quadros do Estado.

São esses, em suma, os preconceitos que impedem a humanidade de criar os grandes homens. “Por que se dedicar a alguns quando o objetivo da educação deve ser o desenvolvimento de todos?” – objetariam os partidários da ampliação da cultura. Os partidários da redução da cultura alegariam que o *homem deve defender os interesses do Estado e não os de um indivíduo*. Nietzsche observa que pode parecer absurdo se devotar a um homem, mas que é ainda mais absurdo deixar que o número decida, quando se trata de mérito e de valor. A educação, como vem sendo dada, não tem por objetivo criar “personalidades harmoniosamente desenvolvidas”; pelo contrário, os indivíduos, com esse tipo de educação, não chegam sequer a amadurecer. O amadurecimento seria um “luxo que os afastaria do mercado de trabalho”. Os economistas da educação e da cultura desenvolvem os jovens com as palavras da fábrica – mercado de trabalho, oferta e procura, produtividade. Concluíram entre si um contrato de trabalho e “decretaram a inutilidade do gênio”. O resultado é a vulgarização do ensino e o conseqüente enfraquecimento da cultura.

Para reverter o estado em que se encontra a educação, Nietzsche propõe as seguintes questões: “como a tua vida, que é vida individual, adquire o mais alto valor, o mais profundo significado?”

Como ela é menos esbanjada?"⁵³ De antemão, descarta a possibilidade de a vida adquirir valor devotando-a ao Estado; pois o Estado, diz ele em "Assim falou Zaratustra", é o lugar "onde o lento suicídio de todos chama-se 'vida.'" A vida só tem sentido quando se vive pelo exemplar mais raro, e não em proveito do grande número, que, tomado isoladamente, constitui-se de exemplares de menor valor. Se a natureza tem por finalidade criar o "exemplar individual superior", por que a cultura não teria o mesmo objetivo? Afinal, a meta da cultura não seria ajudar a natureza em sua tarefa?

A finalidade da natureza é sempre produzir os exemplares mais raros – que seriam, na espécie humana, o filósofo, o artista e o santo. Falta-lhe, no entanto, senso prático, e quase nunca encontra os meios apropriados para realizar seus fins. Engendrando o filósofo e o artista, ela quer tornar inteligível e significativa a existência humana, mas raramente consegue bons resultados. Sobretudo em relação ao filósofo, observa Nietzsche, seu embaraço é grande. A natureza titubeia quando quer fazê-lo servir ao interesse geral. "A natureza lança o filósofo como uma flecha entre os homens; ela não visa, mas espera que a flecha se fixe em algum lugar."⁵⁴ A flecha lançada ao acaso raramente atinge o alvo, e o filósofo erra solitário em sua época. O mesmo se dá com o artista. Sem dúvida, o artista realiza sua obra cumprindo a vontade da natureza, para o bem dos homens, mas sabe que eles não a compreenderão e a amarão como ele a ama.

No campo da cultura, escreve Nietzsche, a natureza é tão pródiga como quando planta e semeia. Mas ela realiza sua meta de maneira muito grosseira, o que a obriga a despender muitas forças: "O artista e o filósofo testemunham contra o sentido prático da natureza na escolha de seus meios, embora eles sejam a melhor prova da sabedoria de seus fins. Eles sempre tocam poucas pessoas, quando

53 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, §6.

54 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, §7.

deveriam tocar a todos, e mesmo estas poucas não são atingidas com a força que o filósofo e o artista imprimiram ao seu projétil.”⁵⁵

A tarefa da cultura deve ser ajudar a natureza a gerir melhor suas economias: “Suas despesas excedem em muito suas receitas; a despeito de toda a sua riqueza, acabará um dia por se arruinar. Seria mais sábia se tomasse como regra: pouca despesa e cem vezes mais de lucro.”⁵⁶ Segundo Nietzsche, a natureza seria mais econômica se produzisse menos artistas e filósofos e mais pessoas receptivas aos artistas e filósofos. Mas, como isso não é de sua alçada – pois a natureza precisa de seus intérpretes amorosos, do artista e do filósofo, para iluminar-se e tomar conhecimento de si –, prossegue com sua produção.

Todavia, a cultura tem de aperfeiçoar a natureza; tornar-se seu complemento natural, e não um suplemento artificial; perseguir os mesmos fins da natureza, isto é, propor-se a acelerar a vinda do filósofo, do artista e do santo e mantê-los presos à sociedade. Os que conhecem o aspecto de “desrazão da natureza” devem procurar soluções para isso. De nada adianta consumir todas as suas forças para criar filósofos e artistas, se estes vierem a ser como alguns cometas, que passam sem deixar rastro.

A cultura não exige dos que a servem apenas intenções e experiências pessoais. Ela exige atividade, isto é, um ato determinado de combate pela cultura, de luta contra as instituições que não tenham por objetivo “engendrar o gênio” e a “maturação de sua obra em si e em torno de si”.

55 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 7.

56 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, §7.

O GÊNIO

O QUE É O GÊNIO PARA NIETZSCHE?

Não pretendemos fazer aqui uma exposição da teoria do gênio em Nietzsche, nem mostrar sua filiação a Schopenhauer e, por intermédio deste, a Kant. Indicaremos apenas alguns aspectos da teoria do gênio em Nietzsche que tenham interesse para a questão da educação e da cultura. O gênio é a grande natureza contemplativa armada para a criação eterna⁵⁷. A extensão da alma, a força da imaginação, a atividade do espírito, a abundância e a irregularidade das emoções – tudo isso compõe o caráter do gênio. É sensível a todas as formas de expressão da natureza. A floresta e o rochedo, a tempestade e o sol, a flor solitária e o murmúrio das águas vêm ao seu encontro e falam sua língua.

O nascimento do gênio não depende da cultura: é uma dádiva da natureza, mas “foi amadurecido e nutrido no seio materno da cultura de um povo – enquanto, sem esta prática que o protege e o aquece, ele estará na impossibilidade absoluta de desdobrar suas asas para seu voo eterno.”⁵⁸

O percurso do gênio é sempre penoso e solitário. Por ser original, isto é, ver sempre as coisas pela primeira vez, é vítima de uma série de mal-entendidos. Enquanto os homens comuns e os eruditos se preocupam com o esquadrinhamento do que é útil e chamam a isso de cultura geral, o gênio está além das motivações interesseiras e interessadas e tem uma visão de conjunto do conhecimento e da vida. É um “homem-destino”, um instrumento do fundo criador da vida,

57 Cf. Friedrich Nietzsche, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 138.

58 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 120.

investido de uma missão cósmica de preservar a vida e fazê-la frutificar. Ultrapassa a compreensão, mas não a percepção dos homens.

OS TRÊS EGOÍSMOS

Os setores que promovem a cultura deveriam ter como meta a criação do gênio. Entretanto, sua finalidade é outra. Esse desvio ocorre, segundo Nietzsche, por interferência de três egoísmos: o egoísmo das classes comerciantes, o egoísmo do Estado e o egoísmo da ciência.

- O egoísmo das classes comerciantes

As classes comerciantes necessitam da cultura e a fomentam, embora prescrevendo regras e limites para sua utilização. Eis o seu raciocínio: quanto mais cultura, maior consumo e, portanto, mais produção, mais lucro e mais felicidade. Os adeptos dessa fórmula definem a cultura como um instrumento que permite aos homens acompanhar e satisfazer as necessidades de sua época e um meio para torná-los aptos a ganhar muito dinheiro. Assim, os estabelecimentos de ensino devem ser criados para reproduzir o modelo comum e formar tanto quanto possível homens que circulem mais ou menos como “moeda corrente⁵⁹”. Com a ajuda de uma formação geral não muito demorada, pois a rapidez é a alma do negócio, eles devem ser educados de modo a saber exatamente o que exigir da vida e aprender a ter um preço como qualquer outra mercadoria. Assim, os estabelecimentos de ensino devem ser criados para reproduzir o modelo comum e formar tanto quanto possível homens que circulem mais ou menos como “moeda corrente”. Com a ajuda de uma formação geral não muito demorada, pois a rapidez é a alma

do negócio, eles devem ser educados de modo a saber exatamente o que exigir da vida e aprender a ter um preço como qualquer outra mercadoria. Assim, para que os homens tenham uma parcela de felicidade na Terra, não se deve permitir que possuam mais cultura do que a necessária ao interesse e ao comércio mundial.

- O egoísmo do Estado

O Estado também deseja a extensão e a generalização da cultura, e tem em mãos os instrumentos para isso. Tem interesse no desenvolvimento intelectual de uma geração, para fazê-la servir e ser útil às instituições estabelecidas. Quer fazer acreditar que é fim supremo da humanidade, não havendo dever maior para o homem do que servi-lo; apresenta-se como o “mistagogo da cultura”, o mentor das artes, quando, na verdade, visa apenas ao seu próprio interesse – ou seja, formar quadros de funcionários para mantê-lo existindo.⁶⁰

- O egoísmo da ciência

Em terceiro lugar, vêm o egoísmo da ciência e a singular atitude de seus servidores: os cientistas. Enquanto se entender por cultura o progresso ciência, esta passará impiedosa e gelada diante do grande homem que sofre, pois vê em todo lugar problemas de conhecimento. A principal característica do cientista é a avidez insaciável por conhecimento. O avanço a qualquer preço e a toda velocidade; a pesquisa cada vez mais “produtiva”, no sentido econômico da palavra; o culto idolátrico do real, “fazendo justiça aos fatos” – eis o que caracteriza a ciência.

O cientista, como Nietzsche faz observar em seu livro “Assim falou Zaratustra”, é o “homem sanguessuga”⁶¹, que substituiu o culto dos valores divinos pelo culto da ciência. Míope para tudo que está fora de sua lente de aumento, é incapaz de olhar para além de suas

60 Cf. Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 127.

61 Friedrich NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*. “A sanguessuga”.

próprias botinas; preocupado com as mais minúsculas questões – por exemplo, com o “cérebro da sanguessuga” –, transforma o próprio conhecimento numa sanguessuga que escarifica e mutila a própria vida. Com a pretensão de tudo julgar objetivamente, disseca, apalpa, despedaça; em suma, anatomiza o que chama de realidade e reza a ladainha dos “coveiros do presente”: “Tudo merece perceber”.

A CIÊNCIA E O CIENTISTA

A concepção de ciência não se mantém inalterada ao longo da obra de Nietzsche. No período que vai aproximadamente de 1870 a 1876, a ciência é o saber que destrói as ilusões salutares à sobrevivência dos homens.

Tudo analisar e decompor esteriliza a força criadora humana. A vida tem necessidade de um olhar que a embeleze, pois ela só é possível “pelas miragens artísticas”. O homem da ciência retira o véu benfazejo que cobre a vida e a embeleza, e isso tudo em nome do real e da verdade. Nietzsche, ao criticar a ciência, não visa aniquilá-las, mas conter seus excessos. A vida em pedaços garante menos vida para o futuro do que a vida enfeitada por algumas quimeras.

A luta do cientista pela verdade, pelo novo e raro, em oposição ao velho e tedioso, é apenas um pretexto para encobrir a personalidade que quer afirmar-se. Pode-se encontrar no cientista uma vontade de encontrar “determinadas verdades”, mas isso “por servidão para com certas pessoas, para com as castas, para com as opiniões, para com as igrejas e para com os governos reinantes, porque ele sente que presta serviço a si próprio, colocando a verdade de seu lado.”

Nietzsche, com a acuidade de um grande psicólogo, fareja as entranhas da alma do cientista e revela suas qualidades mais fundamentais. Destas, a primeira é a retidão e simplicidade. A simplicidade do cientista não vale grande coisa. No campo da ciência, raras vezes é fecunda, pois se prende ao habitual. Como tudo o que é novo exige uma mudança de ponto de vista, a honestidade da qual os cientistas costumam gabar-se venera a opinião em curso, acusando a falta de juízo de quem defende o novo. A doutrina de Copérnico, por exemplo, encontrou oposição porque tinha contra ela o hábito. A segunda qualidade do cientista é a perspicácia para as coisas que se encontram ao alcance de seus olhos, aliada à maior miopia quando trata de julgar algo fora de seu campo de visão. Só vê pedaços e limita-se a deduzir sua coesão. Está condenado a ver fragmentos e nunca a totalidade.

A terceira qualidade do cientista é a natureza vulgar e prosaica das suas inclinações e aversões. Dotado dessas qualidades, ele tem êxito sobretudo no que diz respeito à história. Adultera os fatos passados para adequá-los ao que conhece. A quarta qualidade do cientista é a frieza e pobreza de sentimentos, que o predispõe para a dissecação. A quinta qualidade é a "ideia medíocre que tem de si mesmo" – em outras palavras, sua modéstia. A sexta qualidade é a fidelidade que dedica aos seus mestres e educadores. Devota a eles gratidão, pois sabe que foi por meio deles que pôde fazer parte do meio científico. Sem a ajuda deles e seguindo seu próprio caminho, jamais conseguiria chegar aonde chegou.

A sétima qualidade é a rotina profissional que encaminha o cientista sempre na mesma direção, sempre seguindo o hábito. A rotina torna-o "coleccionador", "exegeta", "fabricante de índices". Instrui-se e faz investigações sempre no mesmo domínio, simplesmente porque não pensa que existam outros. A oitava qualidade é o medo do tédio. Enquanto o verdadeiro pensador busca o ócio, o

cientista comum não sabe o que fazer com ele. Procura os livros, escuta o que os outros pensaram e se diverte com tal ocupação.

A nona qualidade é a importância que dá ao ganha-pão. Serve-se da verdade quando ela pode ser útil aos que lhe dão dinheiro e títulos. Por isso, estabelece uma fronteira entre as verdades úteis e as que não merecem ser exploradas, porque não lhe trazem nenhum lucro. A décima qualidade é o respeito que tem aos colegas e o temor de seu desprezo. Vigiam-se mutuamente, de tal modo de seu desprezo. Vigiam-se mutuamente, de tal modo que a verdade da qual dependem tantas coisas – o pão, a função, os títulos – seja batizada com o nome do inventor. Rendem homenagens ao autor de uma descoberta, para que, mais tarde, ele lhes retribua com a mesma moeda. Os erros e as contradições são ruidosamente desmascarados, a fim de que não haja muitos competidores. Muitas vezes, abafa uma verdade autêntica para dar lugar a um erro proveitoso.

A décima primeira qualidade é a vaidade. O cientista quer se o único em determinado domínio do conhecimento e, assim, tornar-se objeto da curiosidade da comunidade acadêmica nacional e internacional. A décima segunda qualidade é o apreço ao jogo. Sua diversão consiste em encontrar pequenos nós na ciência e desatá-los, desde que não lhe causem muito esforço, pois não quer perder o espírito esportivo. A décima terceira qualidade é o espírito de justiça, qualidade nobre, que deveria expandir-se mais entre os cientistas.

O egoísmo da classe dos comerciantes, o egoísmo do Estado, o egoísmo da ciência resumem-se, pra Nietzsche, no fato de servirem-se da cultura em benefício próprio. Visando ao lucro, os negociantes exigem educação e cultura. O Estado, "o patrão de todos os egoísmos inteligentes", utiliza-se da cultura para se promover. O cientista acredita fazer algo para a cultura, quando, na verdade, está a serviço de suas próprias necessidades. As três potências egoístas desviaram a cultura de seus objetivos e impediram que a tarefa da educação fosse o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades

humanas. Conclui-se daí que não existem instituições para a verdadeira cultura, ou seja, para aperfeiçoar a natureza e acelerar a vinda do filósofo e do artista – em suma, do gênio.

UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA

Nietzsche afirma que é preciso desviar o olhar das instituições alemãs, criando outras cujo objetivo não seja construir uma cultura decorativa. Essas novas instituições terão de recusar toda educação histórica e propor outro tipo de educação que não tenha suas raízes na Idade Média nem considere o erudito medieval como modelo de formação perfeita.

Com a convicção de estar se aventurando em um terreno novo da pedagogia, Nietzsche, para opor-se à educação de sua época, propõe uma outra concepção de educação e cultura: “um problema de educação sem equivalente, um novo conceito de *cultivo de si, defesa de si* até a dureza, um caminho em direção à grandeza.” Um adestramento, em oposição à domesticação.

Cultura e educação, para Nietzsche, são sinônimos de “adestramento seletivo” e “formação de si”. Na época das “Considerações extemporâneas” e de “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, ele ainda não tinha nítida a distinção que mais tarde iria fazer entre “adestramento seletivo” e “domesticação”. Em um fragmento de 1888, observa que não há pior confusão do que a de se confundir *domesticação (Zähmung)* e *adestramento (Züchtung)*. Para ele, adestramento significa “um meio enorme de acumulação de forças da humanidade, de tal modo que as gerações possam continuar a construir a partir do trabalho das que as precederam, desenvolver-se e tornar-se mais fortes, não somente exteriormente, mas interiormente, organicamente.”

A educação moderna é, para Nietzsche, sinônimo de domesticação. O ideal desse tipo de educação é formar o jovem para ser “erudito”, comerciante ou funcionário do Estado, transformá-lo em uma criatura dócil e frágil, indolente e obediente aos valores em curso. Quando concebida como “adestramento seletivo”, a educação tem outros objetivos. Adestrar um jovem significa fazê-lo obedecer a certas regras e adquirir novos hábitos, torná-lo senhor de seus instintos e hierarquizá-los, de modo que o instinto de “saber a qualquer preço” não se sobreponha. O produto desse adestramento não é um indivíduo fabricado em série, adaptado às condições de seu meio, a serviço das convenções do Estado e da Igreja, mas um ser autônomo forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo, sem precisar recorrer a qualquer instância autoritária. Tem-se, então, alguém que se atreve a ser ele mesmo e a destacar-se do homem comum, capaz de agir voltado para o futuro, e não apenas para a sociedade existente.

O sentido da vida não reside na manutenção das instituições, nem no progresso destas; ele está nos indivíduos. Por isso, toda educação e toda cultura devem ser um adestramento. Tal deverá ser a biografia de todos os homens: um despojamento perpétuo das coisas mortas, semelhante à troca diária que fazemos de nossos trajes. A vida deve refletir nossa originalidade, pois “cada um, no fundo, é gênio, na medida em que existe *uma vez* e lança um olhar inteiramente novo sobre as coisas. *Multiplica* a natureza, cria por este novo olhar.”⁶² “*Salvem seu gênio!*, é o que preciso gritar para as pessoas, liberem-no. Façam tudo para libertá-lo.”⁶³ “Devemos sempre refazer tudo para nós e somente para nós; por exemplo, medir a ciência

62 Friedrich NIETZSCHE, *Fragmentos Póstumos*, primavera-verão de 1874, 34 [8].

63 Friedrich NIETZSCHE, *Fragmentos Póstumos*, Primavera-verão de 1875, 5 [182].

com esta questão: *o que é a ciência para nós?, e não: o que somos nós pra a ciência?*"⁶⁴

Uma cultura autêntica pressupõe a fusão da vida e da cultura, a partir da necessidade vital de um povo e do desenvolvimento, na "justa proporção", de todos os seus instintos e dons, de modo que frutifiquem em ações e obras e criem, no estilo da obra de arte, uma unidade viva.

Um povo, uma nação, uma cultura, uma civilização são pensados por Nietzsche a partir do modelo da arte, ou melhor, como atividade criadora de "belas possibilidades de vida". A fim de fundar uma civilização, para a qual Beethoven já escreveu a música, é preciso que a cultura alemã viva e aja em conformidade com as aspirações mais nobres de seu povo, reviva o passado exemplar de forma a encontrar um modelo para o futuro e, finalmente, limite o domínio da história – isto é, reserve um lugar mais alto para a vida, de tal modo que ser cultivado signifique possuir uma tradição contínua de conhecimentos e de pensamentos nobres, prolongá-los em si e transformá-los em ações.

3

**EDUCAÇÃO
E CULTURA**

TENDÊNCIAS QUE MINAM A EDUCAÇÃO

Em suas conferências “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, Nietzsche examina, tal como um arúspice, as entranhas do sistema educacional de sua época. O Estado e os negociantes são os primeiros grandes responsáveis pela depauperação da cultura. Eles entravam a lenta maturação do indivíduo, a paciente “formação de si”, que deveria ser a finalidade de toda a cultura, exigindo uma formação rápida, para terem a seu serviço funcionários eficientes e estudantes dóceis, que aprendam rapidamente a ganhar dinheiro. Mas isso não é tudo. Exigem também uma educação aprofundada, que lhes permita boa especialização para poderem ganhar ainda mais dinheiro. A pressa indecorosa leva os estudantes, numa idade em que ainda não estão amadurecidos o suficiente, a se perguntarem qual profissão devem escolher.

Todavia, não são apenas o Estado e a classe dos comerciantes os únicos responsáveis pelo empobrecimento do ensino e seu conseqüente reflexo negativo na cultura. A própria ciência, cujos métodos de estudo se aplicam em tudo conhecer, tem como única preocupação criar homens teóricos, sugando, assim, as “forças vivas da juventude”. Como a exploração do homem em proveito da ciência é um princípio comumente admitido nos estabelecimentos de ensino, ninguém mais discute seu valor para a vida.

As duas tendências da educação que vigoram no sistema educacional na época de Nietzsche, a *ampliação máxima da cultura* e a *redução da cultura*, embora aparentemente opostas, estão conjugadas para perseguir os mesmos objetivos das três forças – o Estado, os negociantes e a ciência – que, em última instância, nada mais fazem do que trabalhar para o enfraquecimento da cultura.

A primeira tendência, a da “ampliação máxima”, pretende que o direito à cultura seja acessível a todos, e exige que para isso

seja seguido o dogma da economia política: “tanto conhecimento e cultura quanto possível – logo tanta produção e necessidade quanto possível – daí tanta felicidade quanto possível: eis mais ou menos a fórmula.”⁶⁵

A segunda tendência, a “da redução da cultura”, pretende que os indivíduos consagrem sua vida à defesa dos interesses do Estado e exige que seus servidores procurem uma especialização, isto é, sejam “fiéis às pequenas coisas” e ao Estado.

Aliada a essas tendências, encontra-se, segundo Nietzsche, a cultura jornalística. Esta é a confluência das duas tendências anteriores, o lugar onde se encontram e dão as mãos. A cultura ampliada, a cultura especializada e a cultura jornalística se completam para formar uma só e mesma incultura.

De acordo com Nietzsche, a cultura jornalística vai substituindo aos poucos a verdadeira cultura. O jornalista – o “mestre do instante”⁶⁶, o “escravo de três M: o *momento* presente, as *maneiras* de pensar e a *moda*” – passa com pressa e ligeiramente sobre as coisas. Escreve sobre o gênio e vem tomando o seu lugar, “do guia eleito para sempre”, e lançado por terra sua obra. Mas, enquanto o jornalista vive do instante e graças ao gênio de outros homens, as grandes obras emanam do desejo de permanecer, sobrepujando o tempo por meio da força da criação.

Assim, enquanto o sistema pedagógico estiver atrelado à ampliação e à especialização, não se poderá falar em uma educação voltada para a cultura, pois aquelas duas tendências, aliadas à cultura jornalística, são contrárias aos desígnios da natureza, isto é, à criação do gênio, “à manutenção de sua obra em si e fora de si.”

65 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 94.

66 Friedrich NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos: primavera-verão de 1874*, 35 [12].

Nietzsche adverte: não confundam *cultura de massa* com *cultura popular*⁶⁷. Elas não são sinônimas: “Pela instrução elementar obrigatória para todos, não se chega ao que se chama de cultura popular a não ser de uma forma grosseira e artificial.” Segundo Nietzsche, a cultura popular é a que está ligada à terra natal e aos costumes locais: “onde o povo conserva seus instintos religiosos, onde continua a trabalhar no sistema poético de suas imagens míticas, em que permanece fiel aos seus costumes, ao seu direito, ao solo de sua pátria, a sua língua.”⁶⁸

Ao separar o popular e a massa, Nietzsche quer deixar claro o perigo que corre a cultura ao permitir que as classes iletradas sejam contaminadas pelos valores de sua época. Isso ocasionaria a perda do solo e das tradições de onde o gênio se nutre e amadurece.

Os partidários da cultura de massa, como pretexto de levá-la a todos os recantos do planeta, destroem a cultura diferenciada de cada povo – desviando-os de seu “sono salutar”, de seu sistema poético de imagens míticas, de suas ilusões sadias, para seduzi-los com a linguagem da fábrica e submetê-los às leis da oferta e da procura. Acima de tudo (e aqui a crítica de Nietzsche se faz mais intensa), a cultura de massa reduz tudo ao menor denominador, a ponto de excluir tudo o que é grande. É por recusar o nivelamento que Nietzsche acredita ser preciso manter a classe iletrada afastada da classe dos letrados. A cultura vulgarizada, difundida em todos os lugares, fabrica um edifício de opiniões convencionais, no qual camadas inteiras da população se movem indolentes e com falso entusiasmo.⁶⁹

A proliferação cada vez maior de escolas e a multidão de professores despreparados enfraquecem a cultura, a ponto de não

67 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 119-120.

68 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 120.

69 Nietzsche coloca suas esperanças numa renovação cultural nas “classes inferiores e iletradas”. É com elas que se encontra, segundo ele, a cultura de um povo, por isso teme que a classe dos letrados contamine essas classes com a cultura apressada de sua época.

se poder fundar nenhuma “hierarquia natural”, nenhum privilégio, nenhum respeito ao gênio.

Esse tipo de educação tem, segundo Nietzsche, seus dias contados. O primeiro que ousar denunciar os pressupostos da instrução moderna, tiver a coragem de romper com o estabelecido, evidenciar o contraste entre a verdadeira e a falsa cultura – esse homem encontrará eco em outras pessoas que, como ele, sofrem com o enfraquecimento do espírito pedagógico, desejando pelo menos libertar seus herdeiros de tal peso.

Com o propósito de restaurar a cultura alemã, Nietzsche examina as instituições de ensino responsáveis pelas diferentes etapas de formação dos adolescentes – o *Gymnasium*, a escola técnica e a universidade –, denunciando o que as envenena e indicando remédios para combater o mal. Quanto ao *Gymnasium*, Nietzsche tem muito a dizer. Para ele, ainda não se fizera nada por essa etapa de formação dos estudantes, talvez a mais importante, pois vai refletir-se nas fases posteriores do aprendizado. Logo, toda renovação deverá começar pelo *Gymnasium*.

Mas por onde começar a buscar uma alternativa? A essa pergunta bem-intencionada, Nietzsche responde na experiência que se teve no *Gymnasium*, na reflexão sobre suas próprias experiências nas instituições pedagógicas, no que agradou e desagradou.

“A LÍNGUA É MINHA PÁTRIA”⁷⁰

Descontente com sua experiência da prática da “composição alemã” no *Gymnasium* e com a profunda erosão sofrida pela língua ao longo dos anos, Nietzsche indica diferentes perspectivas

70

Verso da música “Língua”, de Caetano Veloso.

para uma reformulação desse ensino. Ele vê na aprendizagem conscienciosa da língua materna e da arte de escrever uma das tarefas essenciais da escola secundária. O tempo em que se falava bem passou. A língua alemã encontra-se contaminada pelo “pretensível estilo elegante” do jornalismo. Todas as pessoas falam e escrevem mal. O acesso dos semiletrados ao poder provocou uma drástica redução da riqueza e dignidade da língua. A questão, no entanto, não é apenas de pobreza vocabular – trata-se também da má utilização dos recursos oferecidos pela língua.

A tarefa de uma escola de alta qualidade deve ser, por isso, “adestrar linguisticamente” o estudante, fazê-lo começar a levar o estudo do vernáculo a sério, pois o declínio da força vital da língua contribui para a degeneração da cultura. Se o professor não conseguir inculcar nos jovens estudantes uma “aversão física” por determinadas palavras e expressões com que os habituaram os jornalistas e os maus romancistas, é melhor, segundo Nietzsche, renunciar à cultura.

No *Gymnasium*, o professor de alemão deve chamar a atenção de seus alunos para a inadequação vocabular e proibi-los de usar os lugares-comuns despejados pela imprensa. Para isso, é necessário analisar os clássicos linha a linha, palavra por palavra, e estimular os alunos a exprimirem um mesmo pensamento várias vezes e cada vez melhor. Manuseando os múltiplos recursos da sintaxe, os menos capazes adquirirão um medo sagrado da língua, e os mais dotados, um nobre entusiasmo por ela: “E ninguém acredite que seja fácil criar esse sentimento de aversão física; mas também ninguém espere chegar a um julgamento estético por outro caminho que não seja o caminho penoso da língua, e não pela ciência linguística, mas pelo adestramento linguístico.”⁷¹

Nietzsche compara tal tarefa aos esforços e sensações experimentados pelo soldado, quando este aprende a marchar:

São meses penosos; teme-se que as fibras se rompam, perde-se toda esperança de executar algum dia cômoda e facilmente os movimentos e posições dos passos que se aprendem artificial e conscientemente; vê-se com terror como se é grosseiro e desajeitado em colocar um pé diante do outro e teme-se ter desaprendido qualquer forma de caminhar e de nunca aprender a correta. E súbito se percebe que os movimentos artificialmente estudados tornaram-se um novo hábito e uma segunda natureza e que a segurança e a força que tinha antigamente o passo vêm reforçadas e mesmo acompanhadas de uma certa graça; sabe-se então como é difícil marchar e pode-se debochar do empírico grosseiro ou do diletante da marcha com gestos elegantes.⁷²

A educação começa com hábito e obediência, isto é, com adestramento. “Adestrar linguisticamente” o jovem não significa domesticá-lo com um acúmulo de conhecimentos históricos acerca da língua, mas sim fazê-lo construir determinados princípios, a partir dos quais possa crescer por si mesmo, interior e exteriormente. Significa tornar-se senhor de seu idioma e continuar a construir uma língua artística, a partir do trabalho dos que o precederam, único meio de assegurar um futuro para o alemão. O “adestramento linguístico” – em outras palavras, o estudo da língua levado a sério – é o primeiro requisito para uma verdadeira cultura.

Em lugar dessa instrução puramente prática pela qual o mestre deve habituar seus alunos a uma “severa educação de si no domínio da língua”, o professor do *Gymnasium* prefere a “erudição histórica”, isto é, trata o idioma como se este estivesse morto. A cultura histórica enraizou-se de tal modo na cultura alemã que até o “corpo vivo” da língua é estudado anatomicamente, como se não se tivesse mais nenhuma obrigação para com o passado e o presente. Não é por acidente, observa Nietzsche, que a estrutura filológica da educação tenha produzido seres tão fieis à Prússia. Deram formalismo à

língua, mas não forma; combinaram engenhosamente a gramática e a ausência de humor; transformaram a palavra alemã num peso morto.

A cultura começa quando o vivente é tratado como algo vivo. Para isso, faz-se necessário que a linguagem seja vivida, e não apenas falada. A língua é um organismo vivo, infinitamente complexo, mas ainda assim um organismo. Tem dentro de si uma força vital e certos poderes de absorção e crescimento, mas, se continuar a ser manuseada pela torrente de jornais e livros despejados pelas novas impressoras da Alemanha de Bismarck, caminhará rapidamente para a dissolução.

A crítica estética nos jornais literários chegou às instituições de ensino e corrompeu o gosto estético de professores e alunos. Os estudiosos leem resenhas e críticas, em lugar dos próprios livros. Quando os leem, seu gosto já está tão contaminado que passam aos estudantes seus preconceitos e conhecimentos mal assimilados.

Como ir contra essa crescente profanação do corpo do idioma, em que a pobreza da linguagem corresponde à pobreza das opiniões? Como dar à língua alemã um estilo que não seja o jornalístico, pretensamente elegante e imitado das letras francesas? Se a atitude historicista levou os alemães a adornarem sua cultura com o estilo de todos os povos de todas as épocas; se a própria linguagem sofre com o artificialismo da cultura, a ponto de não possuir uma unidade de estilo, a não ser a uniformização que lhe é dada pela cultura jornalística – então, é preciso voltar aos clássicos da língua alemã, estimá-los, e isso só é possível por meio de um “ades-tamento linguístico”.

Embora os estabelecimentos pedagógicos abordem desde o *Gymnasium* a civilização dos gregos e latinos, Nietzsche julga o sistema incapaz de prover uma formação humanística. Cultura clássica é saber usar com “seriedade e rigor artístico a língua materna”. A instrução – como forma histórica e científica – em nada vinha contribuindo

para isso. É no trabalho com a língua que se pode perceber o apreço ou o desapareço de uma cultura pela arte. Nas escolas alemãs, quase nada resta da herança de Goethe, nem se sente a preocupação em se formar uma língua artística.

Por isso, de nada adianta apresentar aos alunos um Homero ou um Sófocles, sob o pretexto de lhes dar uma “cultura formal”; se esta de pouco lhes servirá. Seria melhor que a aproximação dos jovens com o mundo helênico, infinitamente afastado, se desse por meio do interesse provocado pelo estudo dos clássicos – por exemplo, Goethe, Hölderlin, Kleist, Lessing, Winckelman, Schiller, poetas e artistas que, por trazerem a cultura da Antiguidade no próprio sangue, saberiam despertar o gosto pela arte e o respeito aos clássicos e, talvez, estimular os dons artísticos em seus leitores.

Assim, antes de fazer desfilar aos olhos do estudante toda a galeria dos gregos, como se ele estivesse diante de um museu, o professor deveria ajudá-lo a “aprender por si mesmo”, a “pensar por si mesmo”, a “estetizar por si mesmo” – pois nem os professores secundários estão capacitados a ensinar cultura clássica, nem os alunos estão preparados para receber a massa de cultura histórica com que se pretende educá-los.

Mas há ainda outro domínio – o da “composição alemã”⁷³ –, por meio do qual os professores exercem seu poder de maneira prejudicial ao desenvolvimento do aluno. Nietzsche não gosta da dissertação e da redação sobre temas específicos, estabelecidos à revelia do aluno. Sofreu na própria pele a imposição de escrever quando seu pensamento ainda não estava, para isso, suficientemente amadurecido.

Desde os primeiros anos de *Gymnasium*, requer-se do aluno que descreva sua vida, seu desenvolvimento e outros assuntos por

si mesmos antipedagógicos. Nietzsche alerta para o pecado original que a pedagogia comete contra o espírito do educando, quando exige que este produza redações a partir de uma lista de temas; essa atividade, além de estéril, vai comprometer todo texto literário que ele porventura venha a escrever.

Além desses assuntos vagos e gerais, o professor quer que o aluno disserte sobre obras poéticas e problema éticos ou, então, descreva personagens históricas, na forma de uma “pintura de caracteres”. Como conclusão da dissertação, pede ao aluno que faça uma apreciação crítica do tema selecionado. Tudo isso diante de indivíduos surpresos e indecisos, perturbados pela enorme variedade de assuntos.

Qual é a atitude do professor diante dessas redações? O que reprova e louva nessas composições? Ele exige a originalidade, o enforque pessoal, mas a originalidade, em última instância, fica reduzida à escolha numa lista de temas. Reprova, sobretudo, a forma exagerada de se expressar e a autonomia do pensamento – ou seja, tudo o que, no modo de ver de Nietzsche, é próprio dos muitos jovens. Nas escolas, louva-se principalmente aquilo que estiver de acordo com os pontos de vista do professor. Obtém-se, assim, uma “mediocridade uniforme”.

Nietzsche prossegue sua análise da “comédia da redação alemã”, mostrando ainda que o professor se comporta como um juiz, julgando sem parcimônia os que têm e os que não têm talento. Desses veredictos, feitos às pressas, saem os jornalistas e os maus romancistas, os que se apropriaram dos métodos, dos truques e do tom superior de seus professores.

Segundo o filósofo, muito poucos conseguem realmente se fazer entender por escrito. Assim, a única atitude digna de um verdadeiro estudante é não recuar diante de um trabalho paciente e minucioso com a palavra escrita, nem diante dos esforços para

formar e exercer as qualidades indispensáveis à criação. Todos os escritores são grandes trabalhadores, escreve Nietzsche em “Humano, demasiado humano”. Por isso, “evitem falar de dons naturais, de talentos natos. Podem-se citar nomes de grandes homens, em diferentes domínios, que foram pouco dotados, mas eles adquiriram essa grandeza, tornaram-se, fizeram-se gênios.”⁷⁴ E isso graças a uma paciente consciência do trabalho do artesão, daquele que aprende perfeitamente a formar as partes, antes de se arriscar a formar um grande conjunto.

Preocupado com a crescente deterioração da língua alemã, Nietzsche, ainda em “Humano, demasiado humano”⁷⁵, dá uma receita de como formar um bom romancista: escrever mais de 100 ensaios de uma ou duas páginas, em que toda palavra supérflua seja banida; exercitar-se diariamente na redação de novelas, até encontrar a forma mais densa, mais eficaz; recolher e descrever infatigavelmente tipos, caracteres; contar e ouvir contar, observando o efeito produzido; viajar como um paisagista, um pintor de costumes; tornar-se um fino psicólogo, de tanto perscrutar os motivos das ações humanas e colecionar dia e noite observações... Consagrem-se dez anos a esse exercício variado, e então o que foi criado na oficina poderá se apresentar à luz da rua.

Contudo, enquanto o professor cultivar a redação na escola como se esta fosse um dilúvio de escritura, fazendo o aluno encher papel e incentivando temas vagos; enquanto a língua for tratada como um “corpo morto” e seu método não constituir um “adestramento prático”, que incentiva um trabalho mais minucioso da palavra – enquanto isso acontecer, os alunos não saberão se expressar e permanecerão prisioneiros de si mesmos, pois “saber falar e escrever significa tornar-se livre”⁷⁶.

74 Friedrich NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano*, I, § 163.

75 Cf. Friedrich NIETZSCHE *Humano, demasiado humano*, I, § 163.

76 Friedrich NIETZSCHE, *Fragments póstumos*, 37 [U II 7 c.] 37 [8].

Há, segundo Nietzsche, um “remédio escondido” na instituição do *Gymnasium*, remédio que, de certa forma, pode contribuir muito para a renovação do estudo da língua alemã – os exercícios de tradução do latim: “É com eles que se aprende o respeito por uma língua ficada pelas regras, pela gramática e pelo léxico. É aí que se aprende o que é um erro.”⁷⁷ A disciplina gramatical certamente não pode proporcionar o sentimento de beleza helênica, escreve Nietzsche, mas dá uma noção de erro gramatical e de regra. O hábito da tradução afina os ouvidos para as nuances da palavra, fecunda a língua e, embora não ensine a escrever com originalidade, habitua o estudante a ler com sentimento artístico. Infelizmente, esse remédio aos poucos está desaparecendo do *Gymnasium* – ou, então, não vem sendo ministrado corretamente.

Assim, o crescente desprezo pela formação humanística e o aumento da tendência cientificista nas escolas; a proliferação de estabelecimentos destinados à educação, sinônimo de diminuição da qualidade de ensino; a instrução dirigida por questões históricas e científicas, e não por um adestramento prático; o abandono do ensino na formação de um sentido artístico da língua, em favor de um duvidoso estilo jornalístico; a ênfase dada à profissionalização, no intuito de criar pessoas aptas a ganhar dinheiro – tudo isso impede que o sistema educacional volte-se para a cultura.

Segundo Nietzsche, o homem deve fazer tudo pela sua existência e sobrevivência, mas tudo o que fizer com esse objetivo não pode ser chamado de cultura: “Toda educação que deixa entrever no fim da carreira um cargo de funcionário, ou um ganha-pão, não constitui uma educação para a cultura, como nós a compreendemos, mas uma indicação do caminho pelo qual se salva e se protege o indivíduo na luta pela existência.”⁷⁸

77 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 111.

78 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 132.

CRÍTICAS AOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

Nietzsche não vê com hostilidade a implantação e a proliferação na Alemanha das escolas técnicas. Pelo contrário: ali, os indivíduos aprendem a calcular convenientemente, a dominar a linguagem para a comunicação e adquirem conhecimentos naturais e geográficos. Em suma, de certo modo, elas cumprem, e com retidão, seu objetivo, que é o de formar negociantes, funcionários, oficiais, agrônomos, médicos e técnicos. O que Nietzsche censura, ao afirmar que a cultura não é “serva do ganha-pão e da necessidade”, é o fato de o *Gymnasium* e a universidade se terem voltado para a profissionalização e, apesar disso, continuarem a acreditar que são lugares destinados à cultura, quando na verdade não se distinguem muito da escola técnica em seus objetivos.

Da escola humanista idealizada por Friedrich August Wolf⁷⁹, que tinha por objetivo formar homens cultos, capazes de exercer plenamente todas as potencialidades de seu espírito, pouco resta. A tendência à profissionalização encontrada no *Gymnasium* desdobra-se na universidade. A escola secundária, ao preparar os jovens para “a autonomia” que desfrutarão na universidade, já delineia os objetivos culturais a serem ali aprofundados. A universidade, segundo Nietzsche, não pode ter a pretensão de desempenhar o “papel importante de centro motor”, pois sua estrutura pode ser considerada um simples desenvolvimento do *Gymnasium*.⁸⁰

Nietzsche não poupa críticas ao ensino superior. Começa por investigar o significado daquela autonomia de que os universitários tanto se orgulham: “Quando um estrangeiro quer conhecer o sistema

79 Friedrich August Wolf (1759-1824) fez uma reforma no ensino secundário alemão e muito contribuiu para o desenvolvimento dos estudos clássicos na Alemanha.

80 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 150.

de nossas universidades, ele pergunta primeiramente, com insistência: “Como o aluno está ligado à universidade?” Respondemos: “Pelo ouvido, é um ouvinte.” O estrangeiro se espanta. “Apenas pelo ouvido?”, pergunta mais uma vez. “Apenas pelo ouvido”, respondemos mais uma vez. “O estudante ouve.”⁸¹ Neste pequeno diálogo, está contido o essencial do ataque de Nietzsche à universidade. Os estudantes creem-se livres e autônomos, quando, na verdade, estão presos pelo ouvido e deixados a sua própria sorte: sem guias e autossuficientes.

“Uma boca que fala, muitos ouvidos e menos da metade de mãos que escrevem – eis o aparelho acadêmico aparente, eis a máquina de cultura da universidade posta em atividade.”⁸² O professor fala. Os alunos escutam. Em geral, o professor quer ter “o maior número possível de ouvintes, em caso de necessidade ele se contenta com alguns, quase nunca com um só.”⁸³ Mas muitas vezes “o estudante escreve ao mesmo tempo que escuta. São os momentos em que está preso ao cordão umbilical da universidade. Ele pode escolher o que vai ouvir, ele não tem necessidade de acreditar no que ouve, ele pode tapar o ouvido quando não quiser ouvir.”⁸⁴

Para Nietzsche, a “liberdade acadêmica” é o nome que se dá a esta dupla anatomia: de um lado, uma boca autônoma; de outro, orelhas autônomas. Atrás desses dois grupos, a uma relativa distância, está o vigilante Estado, lembrando, de tempo em tempos, que deve ser ele “o objetivo, o fim e a quinta-essência desses procedimentos de fala e de audição.”⁸⁵

81 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 152.

82 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 152.

83 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 152.

84 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 153.

85 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 153.

O estilo “acromático”⁸⁶ de ensino é justamente o oposto do que Nietzsche entende que deva ser a educação na universidade. Ali, onde se deveria exigir do aluno um treinamento rigoroso, inventou-se a autonomia. Tal autonomia nada mais é do que uma domesticação do aluno, para torná-lo uma criatura dócil e submissa aos interesses do Estado e da burguesia.

Os alunos podem ser autônomos quando na companhia de amigos e em atividades artísticas, mas não são autônomos na universidade. A liberdade de poder escolher os cursos que querem ouvir e a liberdade de não escolher nenhum é um direito que a academia lhes faculta – só que, próximos à realização dos exames, devem instalar-se nos auditórios lotados e ouvir, caso contrário não estarão aptos a assegurar a sua profissionalização.

Todavia, o estudante sofre com a prisão de seu sentido auditivo e com a pauperização da cultura. Servindo-se dessa “liberdade acadêmica”⁸⁷, sem saber o que se esconde por trás, pretende reprovar, justamente, o sistema educacional. Por meio dela, quer fazer frente ao estado de domesticação em que se encontra o homem e tornar-se um indivíduo livre. Na sua inexperiência, no seu desejo de autonomia, considera-a um paradigma para toda a educação futura.

No entanto, a ilusão da “liberdade acadêmica” acaba não se mostrando benéfica. O estudante ressentido quando percebe que não existem, na universidade, educadores para guiá-lo; tem necessidade, ante a ambiguidade da existência e a perda das opiniões tradicionais, de alguém que o ajude a chegar a si mesmo.

Se a primeira crítica de Nietzsche ao ensino superior dirige-se à “liberdade acadêmica”, a segunda está centrada no fato de a universidade não formar indivíduos para a cultura.

86 Nietzsche denomina acromático o método de ensino que privilegia a exposição oral do professor e a audição do aluno.

87 Friedrich NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, p. 152.

É necessário conter a tendência histórico-científica e profissionalizante na universidade – tendência que exige da educação um preparo mais rápido, aprofundado apenas o bastante para transformar os indivíduos em servidores eficientes – e fazer com que a instituição se volte para os problemas da cultura, ou seja, para as questões essenciais colocadas pela condição humana. Dessa forma, Nietzsche propõe que se investigue como essas questões estão colocadas no conjunto da arte e da filosofia, as únicas disciplinas capazes de moderar a feição histórico-científica que se espalha pela universidade.

A CIÊNCIA E A ARTE

A universidade não tem nenhum comportamento que indique seu apreço pela arte, afirma Nietzsche. Isso não quer dizer que ali não haja professores com inclinação ou gosto pela arte. O problema é que, apesar de existirem matérias que ensinem história da arte, a universidade não pode dar ao estudante um “adestramento artístico”⁸⁸.

E para que poderia servir o “adestramento artístico” do jovem? Em uma única palavra, para a vida – disciplinado o “instinto desenfreado de conhecimento”, que domina todos os outros instintos, a ponto de colocar a vida em perigo. Na universidade, um “adestramento artístico” contrabalançaria os efeitos nefastos da compulsão de saber a qualquer preço e disciplinaria o “instinto de conhecimento” e a própria ciência. Pois a ciência, ao querer conhecer a vida custe o que custar, “destrói as ilusões” que ajudam o homem a viver. Incapaz de dar sentido e beleza à existência, de considerar a vida em seu conjunto, coloca por terra o único ambiente em que se pode viver.

Ao instinto desenfreado da ciência, que tudo quer conhecer, que revira a vida e a vasculha em seus mínimos detalhes, Nietzsche opõe a arte. Esta, ao contrário da ciência, não se interessa por tudo o que é "real", não quer tudo ver, nem tudo reter – é anticientífica.

Mais importante ainda: a arte, em lugar de dissecar a vida, é fonte de dissimulação. Numa época em que vida e cultura estão separadas, a arte tem um papel fundamental: afirmar a vida em seu conjunto. Reforça certos traços, deforma outros, omite muitos outros, tudo em função da vida, da transfiguração do real. Em suma, a arte nos liberta, ao passo que a dura e cotidiana experiência do real nos submete.

Não se pode extrair da exposição de Nietzsche um projeto de "adestramento artístico" do jovem universitário, como foi feito em relação ao "adestramento linguístico". Mas, embora não indique explicitamente como deva ser realizado tal adestramento, Nietzsche deixa bem clara a sua finalidade.

Por meio dessa educação para a arte, o jovem universitário seria capaz de, primeiro, contestar a pretensão científica de tudo conhecer; segundo, conduzir o conhecimento de modo a fazê-lo servir a uma melhor forma de vida; terceiro, devolver à vida as ilusões que lhe foram confiscadas; quarto, restituir à arte o direito de continuar a cobrir a vida com os véus que a embelezam.

Todavia, segundo Nietzsche, a universidade alemã não soube utilizar de um "adestramento artístico", nem teve interesse em conter, por meio da arte, as tendências científicas. Em vez de a arte de servir como antídoto à contaminação da cultura pela ciência, o sábio erudito serviu-se dos métodos científicos para investigar a arte. A música, por exemplo, é objeto de dissecação, como se fosse possível analisar com erudição o êxtase. É desse modo que os professores universitários demonstram seu apreço pela arte – apresentando-se como seus peritos, quando na realidade gostariam de suprimi-la.

A FILOSOFIA

Se a universidade não abre suas portas para a arte, também não as abre para a filosofia. A esse respeito, a tese principal de Nietzsche é a seguinte: o ensino universitário da filosofia não prepara o estudante para pensar, agir e viver filosoficamente; pelo contrário, o “instinto natural filosófico” é imobilizado pela cultura histórica. Na universidade, a filosofia está “política e policialmente limitada à aparência erudita”. Por isso, “permanece no suspiro ‘mas se...’, ou no reconhecimento: ‘era uma vez’”.⁸⁹

As questões históricas introduziram-se de tal modo na filosofia universitária que esta se resume em questões como: o que pensa tal ou qual filósofo? Como estar certo de que determinado texto tenha sido por ele escrito? E, finalmente, merecerá tal lição ser realmente aprendida? Essa maneira neutra de tratar a matéria desenraizou a filosofia universitária de todos os problemas fundamentais. Em lugar de levar os estudantes a levantarem questões sobre a existência, preocupa-se com as minúcias da história da filosofia; assim, a filosofia reduz-se a um ramo da filologia. Como consequência, do mesmo modo que a filologia está interessada apenas nas etimologias, e não em um trabalho com a palavra viva, a filosofia restringe-se a estudar o pensamento morto, que não mais serve à vida.

A crítica de Nietzsche à filosofia universitária (que aparece na mesma época das “Extemporâneas” e “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”) está sob a influência de um ensaio de Schopenhauer, “Sobre a filosofia universitária”, que faz parte de seu livro “Parerga e paralipomena”, publicado em 1851.

Em breves palavras, pode-se dizer que para Schopenhauer não existem filósofos na universidade, mas professores que vivem

da filosofia, interessados em pensar no que seus interesses materiais exigem e no que convém ao Estado e à religião. Nietzsche retoma e aprofunda as críticas de Schopenhauer quanto à relação da filosofia com o Estado e a cultura histórica.

No modo de ver de Nietzsche, o filósofo universitário é o "anti-sábio" por excelência. É o *filósofo do Estado*, da *religião*, o *coleccionador dos valores* em curso, o *funcionário da história* que se mascara com a filosofia para sobreviver. Assim como Schopenhauer, Nietzsche acha que não existem filósofos na universidade, mas apenas professores de filosofia, engrenagens úteis à sobrevivência da maquinaria do Estado.

O que os filósofos universitários não haviam percebido é que o Estado moderno não era mais aquele idealizado por Platão. Este considerava necessária a criação de um organismo social completamente novo, no qual a formação do jovem ateniense não dependesse dos pais (que consideravam loucura a vocação filosófica dos filhos e, por isso, condenaram Sócrates a tomar cicuta, sob a acusação de "corromper a juventude"). Mas o Estado moderno, a que as almas se devotam completamente, como a abelha à colmeia, não tem nenhuma intenção de criar novos "Platões".

Se a natureza lança os filósofos como uma flecha para atingir um alvo, deveria ser dever do Estado ajudá-la nesse processo, interferindo na cultura e na organização social. Mas acontece justamente o contrário. Quem impede a produção e a perpetuação dos filósofos são os próprios filósofos universitários, que vivem do Estado.

Quando o Estado promove a filosofia, favorece um número de homens que podem "viver de sua filosofia"⁹⁰, transformando-a num ganha-pão. Ora, como se acredita que quem vive de algum ofício também dele entende, os professores se comportam diante de

um público como mestres no assunto, especialistas em filosofia e, portanto, verdadeiros filósofos, que podem escolher e ensinar o que julgam ser digno da atenção de suas audiências.

Nietzsche crê que Platão e Schopenhauer jamais poderiam ter sido filósofos universitários, pois representariam um perigo para o Estado:

Em qualquer lugar em que tenha havido sociedades, governos, religiões, opiniões públicas poderosas, em resumo, em qualquer lugar onde tenha havido tirania, ela execrou o filósofo solitário, pois a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhuma tirania pode penetrar, a caverna da interioridade, o labirinto do coração: o que não agrada aos tiranos.⁹¹

O Estado teme os filósofos solitários e a filosofia em geral. Por isso, tenta atrair para si o maior número de filósofos universitários, "que lhe deem a impressão de ter a filosofia do seu lado."⁹² Se chega a pôr em perigo a permanência do sistema, o filósofo sofre uma "conspiração do silêncio" ou, então, é excluído e chamado de louco, por se colocar numa posição superior e desejar ser árbitro das ações do Estado.

Para poder ensinar, o filósofo universitário é obrigado a apresentar não a verdade livremente procurada, mas as doutrinas que o Estado julga necessárias à sua existência:

Tem de suportar ser considerado por ele como se tivesse renunciado a perseguir a verdade em todos os seus escaninhos. Pelo menos, enquanto for favorecido e empregado, tem de reconhecer ainda, acima da verdade, algo superior – o Estado. E não meramente o Estado, mas ao mesmo tempo tudo o que o Estado exige para o seu bem:

91 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 3.

92 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

por exemplo, uma forma determinada de religião, a ordem social, a organização militar.⁹³

Mas será que os filósofos se deram conta dos compromissos e restrições que teriam de suportar ao se submeterem? Em alguns professores, a pergunta agirá como dinamite, “mas a maioria se contentará em sacudir os ombros e dizer: pode-se ser grande e puro nesta terra sem fazer concessão à baixaza humana?”

Esse compromisso com o Estado coloca em perigo o futuro da filosofia. Primeiro, porque é o Estado quem escolhe seus servidores filosóficos, na exata proporção de sua necessidade de preencher os quadros das instituições, além disso, outorga-se a competência de escolher quem são os bons e os maus filósofos. Segundo, porque obriga os professores a permanecerem nos seus postos e instruírem todo jovem que deseja seus serviços, e isso num horário fixado de antemão. Nietzsche pergunta: pode um filósofo, de boa-fé, comprometer-se a, diariamente, ensinar alguma coisa?

E a ensinar-la diante de qualquer um que queira ouvir? Ele não tem de se dar a aparência de saber mais do que sabe? Não tem de falar, diante de um auditório desconhecido, sobre coisas que somente com o amigo mais próximo poderia falar sem perigo? E, em geral: não se despoja de sua mais esplêndida liberdade, a de seguir seu gênio, quando este chama e para onde este chama, por estar comprometido a pensar publicamente, em horas determinadas, sobre algo predeterminado? E isso diante de jovens! Um tal pensar não está de antemão como que emasculado? Um dia, ele poderia sentir: hoje não consigo pensar em nada, não me ocorre nada que preste – e apesar disso teria de se apresentar e parecer pensar!⁹⁴

Para Nietzsche, o esquema acadêmico foi tão bem montado pelo Estado que não permite ao professor sofrer com a falta do que

93 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

94 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

dizer, pois nem o professor nem o aluno pensam por si mesmos. A cultura histórica e científica foi planejada pelo sistema universitário para preencher qualquer lacuna. Há mesmo quem acredite que o filósofo universitário não precisa ser um pensador, constituindo no “máximo um repensador e um pós-pensador”⁹⁵, um conhecedor erudito de todos os pensadores, com os quais sempre poderá contar para poder dizer algo aos seus alunos.

Esta é, segundo Nietzsche, a concessão mais perigosa que os filósofos fazem ao Estado. Comprometem-se a fazer o papel do erudito, do historiador da filosofia. A empregar todo o seu tempo em conhecer apenas sistemas que a história apresenta como sendo dignos da atenção de todos, veneram o passado e devotam à morte as novas ideias, que ainda não receberam o selo da consagração:

A história erudita do passado nunca foi a ocupação de um filósofo verdadeiro, nem na Índia nem na Grécia; e o professor de filosofia, ao se ocupar com um trabalho dessa espécie, tem de aceitar que se diga dele, no melhor dos casos: é um competente filólogo, antiquário, conhecedor de língua, historiador – mas nunca é um filósofo. E isso, diante da maioria dos trabalhos de erudição feitos por filósofos universitários, um filólogo tem o sentimento de que são malfeitos, sem rigor científico e, o mais das vezes, detestavelmente fastidiosos.⁹⁶

Pensa-se, fala-se, escreve-se, ensina-se filosofia, mas tudo isso dentro dos limites da história da filosofia. Dessa fora, cumpre-se o desejo do Estado, que teme o desconhecido e os que pensam por si mesmos, isto é, a partir de experiências renovadoras: “Quem deixa que se interponham entre si as coisas, conceitos, opiniões, passados, livros, quem, portanto, no sentido mais amplo, nasceu para a história,

95 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

96 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

nunca verá as coisas pela primeira vez e nunca será ele próprio uma tal coisa vista pela primeira vez.”⁹⁷

Em vez de educar o estudante para pensar e viver filosoficamente, adestrando-o contra a compulsão de saber, o ensino universitário acaba por desencorajá-lo a ter opiniões próprias, em função da massa de conhecimentos históricos que é obrigado a assimilar. A universidade não está voltada para a educação filosófica, mas para a “prova de filosofia”. Assim, ao invés de atrair pessoas para a atividade de pensar, afasta-as.⁹⁸

Para concluir sua análise crítica, Nietzsche diz que a filosofia universitária é transformada numa “coisa ridícula”⁹⁹, pois se tornou, nas mãos de uma “multidão de pensadores puros”, uma ciência pura – isto é, um pensamento concebido como universal, abstrato, neutro, desvinculado da vida e das forças vitais. Nietzsche adverte: enquanto a filosofia existir como pensamento reconhecido pelo Estado, permitindo que este a dirija, ela não deixará de ser ridícula. E a verdade que os filósofos julgam ser a origem de todas as suas buscas não passa de uma verdade a serviço do Estado, dos valores correntes e da ordem estabelecida: “A verdade aparece como uma criatura bonachona e amiga das comodidades, que dá sem cessar a todos os poderes estabelecidos a segurança de que jamais causará a alguém o menor embaraço, pois, afinal de contas, ela é apenas ciência pura.”¹⁰⁰ Nietzsche observa ainda que uma cultura decadente pouco pode fazer pelo pensamento, a não ser engendrar uma filosofia doente.

97 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

98 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

99 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 8.

100 Friedrich NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, § 3.

O FILÓSOFO E O ARTISTA RECLAMAM SEUS DIREITOS

Se a filosofia deixou de ter um lugar ao sol, como restituir-lhe seus direitos? Em “A filosofia na época trágica dos gregos”, Nietzsche incita o homem corajoso a repudiar e a banir a filosofia com palavras semelhantes às que Platão utilizou para expulsar os poetas trágicos de seu Estado – mas com a condição de que ela, como os poetas trágicos, pudesse falar e defender-se. Ela poderia dizer então:

Povo miserável! É culpa minha se em vosso meio vaguei como uma cigana pelos campos e tenho de me esconder e disfarçar, como se fosse eu a pecadora e vós meus juízes? Vede minha irmã, a Arte! Ela está como eu: caímos entre bárbaros e não sabemos mais nos salvar. Aqui nos falta, é verdade, justa causa: mas os juízes diante dos quais encontraremos justiça têm também jurisdição sobre vós e vos dirão: – Tende antes uma civilização, e então ficareis sabendo vós também o que a Filosofia quer e pode.¹⁰¹

A primeira medida a ser tomada para ouvir a voz da filosofia, para retirá-la da concha da quietude onde se encontra escondida e disfarçada, seria divorciá-la da universidade. Em “Schopenhauer como educador”, Nietzsche propõe a instauração de um “tribunal superior”, que vigie e julgue a cultura que a universidade desenvolve e divulga. A filosofia poderia ser esse tribunal. Sem poderes conferidos pelo Estado e sem honras, poderia prestar seu serviço livre do espírito do tempo – e do temor inspirado pelo tempo.

O pior que o filósofo corre numa sociedade enferma é ter o destino de um viajante solitário, forçado a abrir caminho num ambiente hostil (furtivamente, ou aos empurrões e de punhos

101

Friedrich NIETZSCHE, *A filosofia na época trágica dos gregos*, § 8.

cerrados), pois tem contra si o espírito gregário organizado, o qual teme ver abalado tudo o que o mantém vivo.

Na civilização grega, o filósofo tinha o poder de denunciar o perigo que a sociedade corria e encontrar “belas possibilidades de vida”. A fim de restituir-lhe esse poder, Nietzsche insiste em que a filosofia se desvincule do Estado. Para ele, o filósofo é um centro de forças imensas, que modifica todo o “sistema das preocupações humanas” e põe em perigo o que quer se manter gregário.

Enquanto o filósofo não estiver ligado à sociedade por uma necessidade indestrutível, enquanto não tiver ao seu redor uma sociedade sadia, pouco pode fazer pela cultura, a não ser denunciar o que a torna doente e o que a destrói.

A vida precisa de uma cultura sadia, e, para isso, são imprescindíveis instituições de ensino voltadas para a cultura. Elas não existem ainda, mas devem ser criadas. Não devem ter por objetivo criar o pequeno-burguês, que aspira a um posto de funcionário ou a um ganha-pão qualquer; ao contrário, precisam voltar-se para a criação de indivíduos realmente cultos, formados a partir da necessidade interna da fusão entre vida e cultura e capazes de exercer toda a potencialidade de seu espírito.

Essas instituições devem ainda ajudar a natureza na criação do gênio, filosófico e artístico, e protegê-lo da “conspiração do silêncio” com que sua época o exclui. Quanto a esse aspecto, poder-se-ia perguntar por que Nietzsche vê como necessárias instituições para criar o gênio, já que o gênio, para nascer, nunca precisou delas, nem das “muletas da cultura”, crescendo no solo de uma cultura nacional, seja ela falsa ou verdadeira. A essa possível objeção, Nietzsche tem uma resposta: os que pensam dessa maneira raciocinam historicamente e erigem dogmas para não favorecer o gênio. Não resta dúvida de que os alemães estão contentes com seus gênios, haja vista o número de momentos

com que, por todo o país, se honra a memória de seus gênios. Mas, ao deduzir daí que não é preciso fazer nada pelo gênio, condena-se à morte tudo o que vive e estabelece-se o raciocínio de que tudo já está feito.

Querem ouvir, diz Nietzsche, o canto de um solitário? Ouçam Beethoven. A música de Beethoven serve para lembrar aos alemães que os espíritos dos quais se orgulham foram prematuramente sufocados, por não encontrar acolhida na cultura que os rodeava. Kleist¹⁰², por exemplo, suicidou-se, e Hölderlin, “o Werther da Grécia”, morreu louco. Schopenhauer, Goethe, Wagner sobreviveram graças ao fato de serem da “natureza do bronze”, mas o efeito de suas lutas, de seus sofrimentos, está gravado nas rugas de seus rostos.

Elogiam a polivalência de Lessing – crítico e poeta, arqueólogo e teólogo –, mas não levam em conta aquilo que o obrigou à “universalidade”: a miséria, que o acompanhou durante toda a sua vida. Como Goethe, os alemães deveriam lamentar que esse homem tenha sido obrigado a resistir num mundo de inércia, forçado a polemizar sem descanso.

102 Heinrich von Kleist (1777-1811), poeta e dramaturgo alemão. Ingressou no exército prussiano em 1792. Depois de sete anos, abandonou a carreira militar, entregando-se ao estudo da física, matemática, direito, latim e filosofia. A leitura de Kant provocou a primeira grande crise de sua vida, destruindo-lhe a confiança no valor do conhecimento e mostrando-lhe a impossibilidade de atingir a verdade absoluta. Em 1801, partiu precipitadamente para Paris e daí para a Suíça, com propósito de se fazer lavrador e pôr em prática o ideal de Rousseau. A partir de então, levou uma vida de errante. Profundamente desiludido consigo mesmo e com a evolução dos acontecimentos políticos, amargurado pela incompreensão dos contemporâneos e dos próprios familiares, decidiu suicidar-se, juntamente com Henriette Vogel, sua amiga íntima, atacada de doença incurável. Suas principais obras: *Penthesilea* (1807) e *Prinz Fr. V. Hamburg* (1810).

Será, pergunta ainda Nietzsche, que os alemães podem pronunciar o nome de Schiller¹⁰³ sem corar? Será que a cor de sua face tingida pela morte não diz nada aos que o elogiam?

Por trás dos elogios e das honrarias, Nietzsche vê esconder-se o ódio dos “filisteus” contra a grandeza que está à vista. Essa veneração serve para camuflar a incapacidade de tirar proveito do passado e para livrar-se do peso de fazer alguma coisa para o que vive e o que quer nascer.

Com todos esses argumentos, Nietzsche deixa claro o tratamento que os alemães dão aos seus gênios e quebra o dogma de que não seria preciso fazer nada por eles, já que os gênios, apesar de tudo, continuariam nascendo. Com isso, prova a necessidade de criar instituições para educar o corpo e o espírito do indivíduo, incentivando-o a cultivar-se e tornando-o capaz de abrigar e proteger o gênio.

Isso significará um enorme esforço para os que se propõem a trabalhar para a cultura, pois terão de substituir um sistema educacional que tem suas raízes na Idade Média por um outro ideal de formação. Contudo, deverão iniciar essa tarefa sem demora, já que dela depende toda uma geração futura.

103

Johann Friedrich von Schiller (1759-1805), poeta e dramaturgo alemão. Influenciado pelas especulações estéticas de Kant, escreveu “Sobre o encanto e a dignidade”, “Sobre a poesia ingênua e poesia sentimental”. A maior peça da dramaturgia alemã é sua obra-prima, a trilogia histórica Wallenstein (1800). Dentre suas obras de dramaturgia, até hoje encenadas com sucesso, destacam-se também Maria Stuart (1801) e Wilhelm Tell (1804; Guilherme Tell). Foi muito amigo de Goethe. Sua obra é muito popular na Alemanha.

CONCLUSÃO

“Educar os educadores”

Mas os primeiros devem começar
por se educar a si próprios.
e é para esses que eu escrevo.”

Nietzsche, Fragmentos póstumos: primavera-verão de 1875

Será que o pensamento de Nietzsche pode ser usado, hoje, como um instrumento para se pensar a educação? Será que seu exemplo ainda pode servir para nos educar e, conseqüentemente, educar a quem educamos?

Não há dúvidas quanto a essas questões. Como vimos em outros capítulos deste trabalho, suas teses nunca foram tão atuais. Nietzsche apontou problemas que, apesar dos esforços de alguns educadores bem-intencionados, ainda não foram resolvidos. Um deles – e talvez o mais grave – é o ensino da língua materna, até hoje um grande desafio. Cada vez mais, abandona-se a formação humanista, em favor de uma educação voltada para as necessidades do parque industrial. Isso incentiva os indivíduos a um preparo rápido – uma profissionalização – que os torne aptos a trabalhar na “fábrica da utilidade pública” e a servir como técnicos na maquinaria do Estado. Uma formação humanista seria um luxo que os afastaria do mercado de trabalho.

Como filósofo-educador e “médico da cultura”, Nietzsche repensou as questões de educação a partir das necessidades vitais (que não se resumem à sobrevivência), e não às do mercado de trabalho, criado para satisfazer as exigências do Estado e da burguesia mercantil. Adotou a vida como critério fundamental para todos os

valores da educação e, com isso, destruiu as convicções que sustentavam o sistema educacional de sua época.

Sua filosofia é o reflexo de sua personalidade, a história de uma lenta formação pessoal, fruto da confrontação constante de seu pensamento com o mundo exterior. Ainda que incompreendido por seus contemporâneos, sugeriu práticas pedagógicas e foi ele mesmo um exemplo de educador.

Na terceira “Extemporânea”, ao falar de suas experiências na procura de um educador que fosse um “liberador”, Nietzsche deixa claro o que já escrevera em “A filosofia na época trágica dos gregos”: que busca em um pensador não seu sistema de pensamento, mas um “fragmento de personalidade” contido nesse sistema, “a única realidade eternamente irrefutável”; que o valor de uma filosofia não reside na esfera do conhecimento, mas na vida; que a filosofia e a vida de um pensador deviam ser apreciadas como apreciamos uma obra de arte, por sua beleza e por servir como modelo de uma “bela possibilidade de vida”. Por conterem tanta “invenção, audácia, desespero e esperança” e trazerem alegria e força, derramando “luz sobre a vida de seus sucessores”, essas vidas são preciosas e merecem ser salvas do esquecimento.

Se o produto mais genuíno de um filósofo é sua vida, então ela diz respeito tanto àquele que a criou como aos outros homens. Assim, podemos perguntar: o que significa para nós esse filósofo, o que ele nos pode dar, e em que seu exemplo pode nos alimentar?

Retenhamos por um momento que a vida de um pensador é sua obra de arte, que podemos descobrir nela novas possibilidades de vida. Acrescentemos ainda que um filósofo, como quer Nietzsche, só pode ser estimado quando puder servir de exemplo – e esse exemplo deve ser dado, como ensinam os filósofos da Grécia, por sua atitude, sua maneira de se vestir e alimentar e seus costumes, mais do que pelo que diz ou escreve. Será que, considerando-se sua vida e seu

pensamento, pode-se tomar Nietzsche como exemplo, assim como ele tomou os gregos? E mais: o que significa tomá-lo como exemplo?

Antes de tudo, tomar Nietzsche como exemplo significa educar-se incansavelmente; adquirir uma capacidade crítica pessoal e uma capacidade de pensar por si; aprender a ver, habituando o olho no repouso e na paciência; dominar o “instinto do saber a qualquer preço”, utilizando este princípio seletivo: só aprender aquilo que puder e abominar tudo aquilo que instrui sem aumentar ou estimular a atividade; manter uma postura artística diante da existência, trabalhando como artista a obra cotidiana; “dar à vida o valor de um instrumento e de um meio de conhecimento”, procedendo de modo que os falsos caminhos, os erros, as ilusões, as paixões, as esperanças possam conduzir a um único objetivo – a educação de si próprio.

Em suma, tomar Nietzsche como exemplo não é pensar *como* ele, mas sim pensar *com* ele. “Nietzsche” não é um sistema, nem mais um pensador com um programa de educação. Nietzsche, como afirma Gérard Lebrun, “é um instrumento de trabalho insubstituível”.

REFERÊNCIAS

Obras de Nietzsche

Assim falou Zaratustra. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Considérations inactuelles I et II. *In: Fragments posthumes*: été 1872 - hiver 1873-1874. Trad. Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1990.

Considérations inactuelles III et IV. *In: Fragments posthumes*: début 1874 - printemps 1876. Trad. Henry-Alexis Baatsch, Pascal David, Cornélius Heim, Philippe Lacoue-Labarthe et Jean-Luc Nancy Paris: Gallimard, 1988.

Correspondance I: juin 1850 - avril 1869. Trad. Henry-Alexis Baatsch, Jean Bréjoux, Maurice Gandillac. Paris: Gallimard, 1986.

Correspondance II: avril 1869 - décembre 1874. Trad. Jean Bréjoux, Maurice Gandillac. Paris: Gallimard, 1986.

Despojos de uma tragédia: correspondência inédita. Trad. Ferreira da Costa. Porto, Editora Educação Nacional, 1944.

Ecce homo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Max Limonad, 1985.

Fragments posthumes: Automne: 1887 - Mars 1888. Trad. Pierre Klossowski. Paris: Gallimard, 1976.

Fragments posthumes: Début 1888 - Janvier 1889. Trad. Jean-Claude Hémery. Paris: Gallimard, 1976.

Friedrich Nietzsche: obras incompletas. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

Humain, trop humain I et Fragments posthumes (1876-1878). Trad. Marc B.de Launay, Paris: Gallimard, 1988.

La naissance de la tragédie. Trad. Michel Haar, Philippe Lacoue-Labarthe et Jean-Luc Nancy, Paris: Gallimard, 1977.

La philosophie à l'époque tragique des grecs. *In*: **Écrits posthumes**: 1870-1873. Trad. Jean-Louis Backes, Michel Haar et Marc B. de Launay, Paris: Gallimard, 1975.

La volonté de puissance. Trad. Geneviève Bianquis, Paris: Gallimard, 1974. 2 volumes.

Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe. Organizada por Giorgio Colli e Mazino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/1984. 8 v.

Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe. Edição crítica organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 vols. Berlim/ Nova York: Walter de Gruyter, 1988.

Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. *In*: **Écrits posthumes**: 1870-1873. Trad. Jean-Louis Backes, Michel Haar et Marc B. de Launay, Paris: Gallimard, 1975.

Biografias de Nietzsche

(1) HALÈVY, Daniel. **Nietzsche**. Paris: Grasset, 1944.

(2) JANZ, Curt Paul. **Nietzsche biographie**. Trad. De Launay. Paris: Gallimard, 1984, 3 volumes.

(3) MARTON, Scarlett. **Nietzsche**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Sobre Nietzsche

(4) ANDLER, Charles. **Nietzsche, sa vie et sa pensée**. Paris: Gallimard, 1958, 3 volumes.

(5) BIANQUIS, Geneviève. **Nietzsche devant ses contemporains**. Mònaco: Éd. du Rocher, 1959.

(6) DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1962.

(7) DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Paris: PUF, 1965.

(8) FINK, Eugen. **La philosophie de Nietzsche**. Paris: Minuit, 1965.

(9) KAUFMANN, Walter. **Nietzsche**: philosopher, psychologist antichrist. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

- (10) KOFMAN, Sarah. **Nietzsche et la métaphore**. Paris: Payot, 1972.
- (11) KOFMAN, Sarah. **Nietzsche et la scène philosophique**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1979.
- (12) KOFMAN, Sarah. "O/Os 'conceitos' de culturas nas *Extemporâneas* ou a dupla dissimulação". In: **Nietzsche hoje?** Trad. Milton Nascimento e Sonia Salztein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- (13) LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. **L'imitation des modernes**. Paris: Éd. Galilée, 1986.
- (14) LEBRUN, Gérard. "Por que ler Nietzsche hoje?". In: **Passeios ao léu**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- (15) MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ÍNDICE REMISSIVO

A

adestramento 14, 78, 79, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 97
 Alemanha 13, 22, 24, 25, 27, 30, 32, 37, 43, 48, 53, 55, 88, 93, 107
 alma 52, 57, 63, 66, 72, 73, 76
 arte 14, 17, 20, 24, 27, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 43, 52, 80, 86, 89,
 96, 97, 98, 109
 artista 23, 50, 51, 66, 70, 71, 78, 104, 110
 autonomia 90, 93, 95

B

Beethoven 80, 106

C

capacidade crítica 19, 110
 cátedra 20, 25, 26, 27, 39
 ciência 11, 14, 19, 20, 21, 32, 52, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 82, 86,
 96, 97, 103
 cientista 74, 75, 76, 77
 civilização 31, 50, 62, 80, 88, 104, 105
 classes 10, 20, 73, 84
 comerciantes 73, 77, 82
 composição alemã 85, 89
 conhecimento 10, 16, 23, 34, 40, 50, 52, 54, 62, 71, 72, 74, 75, 77,
 83, 96, 97, 106, 109, 110
 consciência 34, 39, 57, 91
 conspiração do silêncio 64, 100, 105
 convento laico 25
 corpo e espírito 55
 cultivo de si 59, 67, 68, 78
 cultura artificial 49, 55, 58
 cultura histórica 48, 49, 50, 51, 54, 66, 87, 89, 98, 99, 102
 cultura jornalística 14, 83, 88

D

domesticação 78, 79, 95

E

economistas 69
 educação 12, 13, 14, 16, 18, 24, 26, 33, 38, 48, 51, 52, 53, 55, 59,
 60, 61, 68, 69, 72, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 87, 92,
 95, 96, 97, 103, 108, 109, 110
 educadores 25, 34, 38, 52, 61, 62, 65, 76, 95, 108
 egoísmo 73, 74, 77
 ensino 10, 12, 13, 14, 16, 28, 33, 41, 43, 48, 68, 69, 72, 73, 74, 78,
 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96,
 98, 103, 105, 108
 escolaridade 15, 16, 18
 escolas técnicas 93
 especialização 19, 23, 82, 83
 espírito 10, 14, 17, 21, 27, 32, 38, 54, 55, 72, 77, 85, 90, 93, 104,
 105, 107
 Estado 24, 52, 64, 69, 70, 73, 74, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 99, 100, 101,
 102, 103, 104, 105, 108

F

filologia 10, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 38, 39, 49, 98
 filosofia 10, 14, 24, 25, 27, 31, 33, 35, 41, 52, 54, 58, 64, 96, 98, 99,
 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109
 formação humanista 12, 108

G

gênio 26, 45, 52, 56, 64, 65, 69, 71, 72, 73, 78, 79, 83, 84, 85, 101,
 105, 106, 107
 Alemanha 17, 24
 Goethe 22, 32, 48, 62, 63, 64, 89, 106, 107
 grego 10, 16, 38, 41, 42, 46
 Gymnasium 14, 26, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93

H

hebraico 16
 história 10, 17, 22, 32, 34, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 62, 66, 67,
 76, 80, 96, 98, 99, 102, 103, 109

Hölderlin 16, 17, 32, 89, 106
Homero 22, 41, 89
humanidade 17, 20, 61, 68, 69, 74, 78

I
imitação 54, 65, 66, 67
individualidade 57, 59

L
latim 16, 92, 106
Lessing 32, 89, 106
liberdade acadêmica 94, 95
língua alemã 14, 32, 43, 86, 88, 91, 92
linguagem 45, 84, 88, 93
língua materna 86, 88, 108
literatura 16, 17, 18, 34, 41, 52
literatura alemã 17

M
máscaras 57, 58
massa 18, 39, 45, 50, 58, 84, 89, 103
mercado de trabalho 69, 108
mestre 19, 22, 30, 41, 83, 87
mimesis 66
música 10, 16, 17, 18, 27, 36, 43, 45, 80, 85, 97, 106

N
nacionalismo 32, 54
natureza 17, 50, 55, 56, 57, 70, 71, 72, 76, 78, 79, 83, 87, 99, 105, 106
Naumburg 10, 16
Nietzsche 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

O
originalidade 54, 79, 90, 92

P
Pädagogium 10, 12, 20, 22, 27, 38, 39, 40, 41
poetas 16, 17, 89, 104
profanação 14, 88
professores 14, 17, 20, 23, 25, 29, 33, 40, 84, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 99, 101
profissionalização 92, 93, 95, 108
pseudocultura 13, 53

R
realidade 66, 75, 97, 109
rebanho 21, 42, 56, 60
renovação cultural 13, 22, 24, 25, 27, 84
Ritschl 19, 20, 28
Romantismo 58

S
Schiller 16, 17, 32, 89, 107
Schopenhauer 10, 19, 21, 22, 32, 33, 34, 37, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106
simplicidade 61, 76
singularidade 41, 56, 58
sistema educacional 12, 13, 23, 29, 53, 55, 82, 92, 95, 107, 109
sociedade 17, 24, 31, 32, 34, 36, 39, 58, 64, 68, 71, 79, 104, 105

T
Teógnis 10, 19
teologia 10, 19, 51
Tribtschen 10, 22, 23, 27, 36, 37

U
Universidade da Basileia 11, 18, 25, 28, 30, 37, 39, 45

V
virtude 55, 56, 60
vulgarização 12, 69

W
Wagner 10, 11, 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 43, 67, 106

www.PIMENTACULTURAL.com

N I E T Z S C H E
E D U C A D O R